

Camila de Souza Teixeira

**ANÁLISE DAS FINALIZAÇÕES DA CATEGORIA SUB-
13 NO CAMPEONATO METROPOLITANO DE FUTSAL
MASCULINO**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2012

Camila de Souza Teixeira

ANÁLISE DAS FINALIZAÇÕES DA CATEGORIA SUB-13 NO CAMPEONATO METROPOLITANO DE FUTSAL MASCULINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Pablo Juan Greco

Co-orientador: Prof. Ms. Cristino Júlio Alves da Silva Matias

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2012

Dedico esse trabalho aos meus pais, Célio e Luciana, pelo apoio incondicional e por terem acreditado no meu sonho de me tornar educadora física. Farei meu máximo para honrá-los.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por me dar forças, me direcionar e me amar incondicionalmente.

Agradeço aos meus pais pelo carinho e suporte durante todo meu curso. Desenvolvi-me academicamente dentro da instituição, mas cresci pessoalmente através dos exemplos de vida que eles são. Agradeço ao meu irmão pela forma descontraída de enxergar os problemas. Isso me ensinou que seriedade também inclui momentos de lazer.

Sou extremamente grata ao prof. Pablo pelo incentivo (por mais que seu esporte preferido seja o handebol) e as pertinentes correções teóricas e textuais. Tive grandes oportunidades de desenvolvimento dentro do laboratório e desde quando eu entrei para o grupo de estudos, fui amparada e motivada a crescer. O prof. Pablo é um grande homem e um grande mestre.

Agradeço a todo o pessoal do CECA: prof. Cristino pelas excelentes discussões acerca do trabalho e dicas que enriqueceram o texto; prof. Juan pelo apoio na análise dos dados, atenção e educação incomparáveis quando me encontrava em momentos de dúvida na parte metodológica do estudo e à profa. Fabiola pelo auxílio em tempo e fora de tempo.

Devo ressaltar o grande apoio dos meus amigos. Agradeço ao Mário Henrique pelas cobranças, motivações e, acima de tudo, pela amizade duradoura que me sustenta nos momentos de mais dificuldade. Seu esforço e batalha pelos seus objetivos me encantam. Agradeço à Marina por seu apoio nas áreas acadêmica, profissional, sentimental e espiritual. Você é uma grande benção!

Sou grata a todos que de forma indireta contribuíram para a minha formação.

“Não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.”

(Jesus Cristo)

“Se você realmente quer fazer algo, encontrará um modo. Se você não quer, encontrará uma desculpa”

(Jim Rhon)

RESUMO

No estudo objetivou-se identificar o perfil das finalizações da categoria Sub-13 do futsal masculino. A amostra consistiu em 10 jogos do campeonato metropolitano (Belo Horizonte – MG) escolar 2011 contendo 1783 ações ofensivas e 904 finalizações. Para a coleta de dados utilizaram-se os critérios de Silva *et al.* (2002), adicionados ao *software* de observação de jogos “Dart Fish Team Pro”. Para verificar a frequência das variáveis de cada indicador de jogo (situação, setor e resultado da finalização) utilizou-se análise descritiva. Para testar as possíveis diferenças entre equipes vencedoras e perdedoras utilizou-se o teste de Kruskal Wallis. As observações cumpriram os requisitos de fidedignidade, tanto pela percentagem de acordos intra-observador como para as inter-observações. Os dados apresentaram uma predominância de finalizações por meio do tiro lateral, o setor mais empregado nas finalizações foi a zona central da meia quadra ofensiva e o resultado de obstrução da finalização pelos jogadores de defesa como o mais freqüente. Quando as finalizações resultaram em gol, a situação de contra-ataque foi a mais observada e o setor central da área do goleiro o mais utilizado nas finalizações. Não se identificaram diferenças significativas entre equipes vencedoras e perdedoras. Na contraposição das situações de defesa e ataque, a defesa se sobrepõe. Entretanto, na contraposição entre defesa e contra-ataque, o ataque se sobrepõe. O estudo indica a necessidade de treinamento em espaço reduzido em tal faixa etária e nível competitivo.

Palavras-chave: Futsal. Análise de Jogo. Finalização. Categoria de base.

ABSTRACT

The study aimed to identify the shooting profile of the sub-13 category of male futsal. The sample consisted in 10 games of the scholar metropolitan championship (Belo Horizonte – Minas Gerais) 2011, totaling 1783 offensive actions and 904 shoots to goal. The criteria of Silva *et al.* (2002) were added to the game observation software Dart Fish Team Pro for data collection. The descriptive analysis was used to verify the frequency of each game indicator variables. The Kruskal Wallis test was used to identify possible differences between winner and loser teams. The observations fulfilled the requirements of reliability, both the percentage of intra-observer agreements as the inter-observations. The data presented predominance of shooting by the kick-in actions, the zone most used in the shootings was the central area of the offensive half pitch and the shooting obstruction by the defense players was the most frequent result. When the shootings resulted in goals, the counter-attack situation was the most observed and the goal keeper area was the most used zone for shooting. There were no significant differences between winner and loser teams. Contrasting the situations of defense and attack, defense overlaps attack. Meanwhile when the counterattack is contrasted with the defense, the attack overlaps defense. The study indicates the necessity of trainings in diminished spaces for this age group and competitive level.

Key words: Futsal. Game Analysis. Shooting. Base Category.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Classificação do futsal.....	15
FIGURA 2: Demarcações da quadra.....	17
FIGURA 3: Divisão do tempo de jogo categoria sub-13.....	17
FIGURA 4: Tabela entre jogadores.....	26
FIGURA 5: Triangulação.....	26
FIGURA 6: Cruzamento.....	27
FIGURA 7: Permuta.....	28
FIGURA 8: Dobra de marcação.....	29
FIGURA 9: Cobertura.....	30
FIGURA 10: Troca defensiva.....	31
FIGURA 11: Tática coletiva, padrão 2-2 (1).....	36
FIGURA 12: Tática coletiva, padrão 2-2 (2).....	36
FIGURA 13: Tática coletiva, padrão 3-1.....	37
FIGURA 14: A amostra.....	46
FIGURA 15: Situações ofensivas.....	50
FIGURA 16: Setores e finalizações.....	52
FIGURA 17: Resultados da finalização.....	53
FIGURA 18: Progressão até o resultado favorável.....	54
GRÁFICO 1: Finalizações x Finalizações efetivas.....	55
GRÁFICO 2: Finalizações a gol x Finalizações com gol.....	58

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Conquistas – Copa do mundo de Futsal.....	14
TABELA 2: Copa do Mundo de Futsal FIFUSA/ AMF.....	15
TABELA 3: Finalizações por jogo.....	50
TABELA 4: Efetividade das situações.....	55
TABELA 5: Setores e efetividade.....	57
TABELA 6: resultados Kruskal Wallis.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Breve histórico	14
2.2 Futsal: Esporte coletivos de oposição e cooperação	16
2.3 Características gerais do esporte.....	17
2.4 Imprevisibilidade dos Jogos Esportivos Coletivos.....	19
2.5 Futsal: aspectos ofensivos e procura da desestabilização dos defensivos	20
2.6 Aspectos técnico-táticos individuais, de grupo e coletivos.....	22
2.6.1 Fundamentos técnico-táticos individuais	23
2.6.2 Táticas de grupo	26
2.6.3 Táticas coletivas	32
2.7 Fatores envolvidos na finalização.....	39
3 ANÁLISE DE JOGO	40
3.1 Importância da análise de jogo	40
3.2 Como e com o que se observar	42
3.3 Finalização: Última ação	43
3.4 O que deve ser observado no jogo, para que, por que	45
4 MÉTODOS	47
4.1 Caracterização da amostra	47
4.2 Procedimentos da coleta de dados	47
4.3 Instrumento	48
4.4 Fidedignidade das observações.....	48
4.5 Análise dos dados.....	49
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	50
5.1 Análise geral das finalizações	50

5.2 Finalizações que resultaram em gol.....	55
5.3 Equipes vencedoras x perdedoras.....	60
6 CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Por apresentar grande relevância na modalidade de futsal, a finalização é objeto de análise neste estudo. O futsal atualmente se caracteriza por apresentar uma grande movimentação de jogadores em quadra, que recebem a bola, realizam o passe ao companheiro de equipe e se movimentam em quadra, visando sempre uma situação ótima para a finalização, que deve ser precisa, de forma a surpreender o goleiro.

As equipes buscam a vitória nos jogos e para tal utilizam-se das ações de finalização. O esquema ofensivo é organizado de forma a propiciar que os jogadores se encontrem em posições favoráveis a uma finalização efetiva e o esquema defensivo das equipes é organizado de forma a evitar o gol, impedindo ou dificultando a finalização da equipe adversária. O jogo é caracterizado por um constante embate entre ataque e defesa, em busca do gol (quando no ataque) e do impedimento desse (na defesa).

A finalização é o principal recurso para se atingir o objetivo do jogo (gol) (MUTTI, 2003), portanto, torna-se necessário investigar as ocorrências de finalização para organização e intervenção no treinamento. Este estudo mostra-se importante uma vez que traçará o perfil das finalizações e analisará as características destas descrevendo o percentual de êxito no torneio observado. Esses achados auxiliarão nos processos de treinamento das equipes de base do futsal.

Greco e Benda definem técnica como “a interpretação no tempo, espaço e situação, do meio utilizado para concretização de uma resposta direcionada a solucionar tarefas ou problemas motores” (GRECO e BENDA, 1998, p. 55). Ainda de acordo com estes autores, a técnica também desempenha um papel primordial, servindo de base operativa, de suporte ao comportamento tático em cada situação do jogo. O chute é um dos fundamentos técnico-táticos mais utilizados no momento da finalização ao gol. A técnica do chute, segundo Voser (2004) “é a impulsão dada à bola com um dos pés, tendo como objetivo o gol do adversário”. Mas a técnica, não somente do chute, também deve ser considerada juntamente com os fatores táticos inerentes ao objetivo do jogo, isto é, a finalização, visando marcar gols e assim possibilitar a vitória no jogo.

Este estudo será feito de forma a capturar as ações dos atletas de futsal em jogo, sem nenhuma forma de interferência no processo de treinamento das equipes e nos jogos. A metodologia observacional, segundo Anguera (2000), constitui uma das opções de estudo científicas do comportamento humano, que reúne as características de um indivíduo ou equipe no seu perfil básico na prática de uma atividade físico-esportiva. Esta metodologia é formada por uma combinação de “flexibilidade e rigor” (Anguera, 2000), ou seja, flexível pelo fato de serem inúmeras as opções de observações a serem realizadas, pois se adaptam às necessidades do pesquisador, ao mesmo tempo em que apresentam rigor científico.

Posteriores trabalhos investigarão a metodologia de treino empregado identificando a causa de possíveis defasagens nestes fundamentos assim como instigar possíveis soluções para os problemas apresentados.

A análise de jogo oferece alternativas pedagógicas de intervenção por meio dos dados dos indicadores de jogo que possibilitam melhorar o rendimento esportivo das equipes (MATIAS e GRECO, 2010).

JUSTIFICATIVA

Há no futsal poucas investigações científicas, isso em todas as áreas das ciências do esporte (AMARAL e GARGANTA, 2005). Ao consultar a base de dados Scielo (palavras: análise de jogo e futsal) e Scopus (palavras: futsal analysis), foram encontrados respectivamente 2 e 3 artigos científicos de análise de jogo. O referencial teórico de Amaral e Garganta (2005) listou somente 10 estudos, entretanto, todos eles são monografias ou livros. A escassez de estudos é uma justificativa para realização deste trabalho, sobretudo por ele envolver as categorias de base do futsal, ao contrário dos demais trabalhos apurados acima. De tal forma, falta embasamento teórico para intervenção profissional na melhoria dos aspectos técnico-táticos do futsal.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é caracterizar o perfil da categoria sub-13 do futsal masculino escolar em relação às situações de finalização. Para isso, objetivos específicos permeiam o trabalho:

- Identificar as situações e os setores mais eficazes nas finalizações com gol;
- Verificar se as finalizações são quantitativamente menores ou menos eficazes nas equipes perdedoras.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve histórico

Data-se o surgimento do futebol de salão por volta da década de 30, na Associação Cristã de Moços (ACM). A dúvida é se a modalidade surgiu no Uruguai e foi trazida para ACM do Brasil, ou se foi criada aqui (SAAD, 1997; ANDRADE JÚNIOR, 1999). Como esporte coletivo de oposição e cooperação, jogado em espaço compartilhado e com ações simultâneas (MORENO, 1994), as regras do futebol de salão foram baseadas no Futebol, Basquetebol, Pólo Aquático e Handebol com o objetivo de sua prática nas aulas de educação física (SAAD, 1997). A prática da modalidade começou a se popularizar e alcançou clubes e escolas. Na década de 40, a maior popularidade do esporte induziu a unificação das regras em todo o Brasil. Os campeonatos realizados principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo na década de 50, deram origem às federações cariocas e paulistas a fim de organizar a modalidade de forma local (SAAD, 1997). O autor afirma que em 1957 a partir da criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que organizou e oficializou as regras do esporte a fim de organizar campeonatos nacionais da modalidade. Nessa época, crescem as federações estaduais para organizar as competições e a prática de forma efetiva.

Nas décadas de 60 e 70 o futebol de salão ampliou suas fronteiras. Campeonatos Sul-Americanos começaram a ser realizados com a fundação da Confederação Sul Americana de Futebol de Salão, na qual participaram algumas seleções nacionais (ANDRADE JÚNIOR, 1999). No início da década de 70 o futebol de salão alcança o mundo com a criação da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) (ANDRADE JÚNIOR, 1999), com sede no Rio de Janeiro e a filiação de 32 países à federação (SAAD, 1997).

Algumas mudanças foram realizadas no esporte para que sua popularidade ganhasse maiores proporções. Na década de 80, o então conhecido futebol de salão se transforma em futsal. De acordo com Saad (1997), o esporte

passa a pertencer à FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), com o objetivo de se tornar um esporte olímpico. Regras foram alteradas pela fusão do futebol de salão, hoje amplamente praticado na América do Sul, com o futebol de 5, esporte reconhecido pela FIFA e muito praticado no México e EUA atualmente. Assim, campeonatos mundiais tiveram continuidade com a unificação das regras estabelecida pela entidade. A FIFUSA continuou a organizar as competições mundiais da modalidade até 2000, quando a Associação Mundial de Futsal (AMF) assumiu a organização dos campeonatos. Portanto, atualmente há a prática do futsal organizado pela FIFA, o futsal que era jogado na ACM de Montevideu e São Paulo, organizado pela FIFUSA e atualmente pela AMF e o futebol de cinco ou *indoor football*, praticado nos EUA e no México.

O último campeonato mundial realizado pela FIFA ocorreu em 2012 na Tailândia. O Brasil se consagrou campeão mundial pela quinta vez em campeonatos mundiais de futsal organizados pela entidade (1989, 1992, 1996, 2008 e 2012), uma vez que suas duas conquistas mundiais quando o campeonato era organizado pela FIFUSA (1982 e 1985), não têm valor para a federação internacional atual (fonte: Futsal do Brasil.com). Observe o quadro abaixo com as conquistas das seleções mundiais nas copas do mundo de futsal organizadas tanto pela FIFA como pela FIFUSA/AMF:

TABELA 1: Conquistas – Copa do mundo de Futsal

Copa do Mundo de Futsal FIFA				
Data	País sede	Campeão	Vice	3°
2012	Tailândia	Brasil	Espanha	Itália
2008	Brasil	Brasil	Espanha	Itália
2004	China	Espanha	Itália	Brasil
2000	Espanha	Espanha	Brasil	Portugal
1996	Espanha	Brasil	Espanha	Rússia
1992	Japão	Brasil	EUA	Espanha
1989	Holanda	Brasil	Holanda	EUA

Fonte: Futsal do Brasil (2012); Fifa.com (2013); Ficha do jogo (2013); LEAL (2012).

TABELA 2: Copa do Mundo de Futsal FIFUSA/ AMF

Copa do Mundo de Futsal FIFUSA/AMF				
Data	Organização	Campeão	Vice	3°
2011	AMF	Colômbia	-	-
2007	AMF	Paraguai	-	-
2003	AMF	Paraguai	-	-
2000	AMF	Colômbia	-	-
1997	FIFUSA	Venezuela	-	-
1994	FIFUSA	Argentina	-	-
1991	FIFUSA	Portugal	-	-
1988	FIFUSA	Paraguai	-	-
1985	FIFUSA	Brasil	-	-
1982	FIFUSA	Brasil	-	-

Fonte: Ficha do Jogo (2013)

As olimpíadas de 2016 serão realizadas no Brasil e o futsal figurará como esporte de apresentação nos Jogos. Espera-se então que o tão sonhado objetivo do esporte seja alcançado em 2020, quando o futsal poderá se tornar um esporte olímpico. As pequenas disparidades entre as modalidades futsal da FIFUSA/AMF e futsal da FIFA, como cobrança de lateral e escanteio com as mãos, não invasão dos jogadores de linha na área penal e a permanência do goleiro dentro da área na versão da FIFUSA/AMF, fazem com que a modalidade seja vista de diferentes formas no mundo e, pelo fato da falta de unificação das regras do futsal, é provável que este fato impeça a modalidade de figurar nos Jogos Olímpicos.

2.2 Futsal: Esporte coletivos de oposição e cooperação

Segundo Moreno (1994), o futsal é classificado como:



FIGURA 1: Classificação do futsal (adaptado de MORENO, 1994)

Denominam-se esportes de cooperação/oposição aqueles nos quais os participantes de uma equipe cooperam entre si, entretanto, uma equipe se opõe à outra nas ações do jogo. Este grupo de esportes se divide em dois sub-grupos: esportes praticados em um espaço comum e esportes praticados em espaços distintos. Estes dois sub-grupos ainda podem ser subdivididos em três. Os esportes que se desenvolvem em espaços distintos e com participação alternada dos jogadores (exemplo: voleibol e tênis em duplas). Esportes praticados em espaços comuns, mas com participação simultânea (exemplo: squash em duplas). Por fim, e como foco deste trabalho, esportes praticados em espaços comuns e com participação simultânea dos jogadores (exemplo: futsal, handebol, basquete) (MORENO, 1994).

Ainda de acordo com o autor, o desenvolvimento da ação de jogo é determinado pela intervenção de seis parâmetros que são considerados como configuradores da lógica interna: técnica, regras, tempo, espaço, comunicação e estratégia, apresentando diferentes importâncias e prioridades.

Deste modo, o futsal se configura como uma modalidade de cooperação e oposição em espaço comum com participação simultânea, apresentando técnicas, regras, tempo de partida, espaço de jogo, comunicação (conceitos) e estratégias característicos do esporte.

2.2 Características gerais do esporte

Com o intuito de facilitar o entendimento das regras gerais, as principais características do jogo serão abordadas, incluindo as especificações referentes à categoria sub-13, faixa etária utilizada para conduzir as análises do presente estudo.

Quanto às dimensões da quadra de jogo, ela deverá apresentar um comprimento mínimo de 25 metros e máximo de 42 e largura mínima de 16 metros e máxima de 25 metros. O círculo central deverá apresentar 3 metros de raio, a área penal (do goleiro) deverá apresentar 6 metros de

distância da linha de meta e a marcação do tiro livre direto sem barreira deverá estar a uma distância de 10 metros da linha de meta (FMFS, 2012).

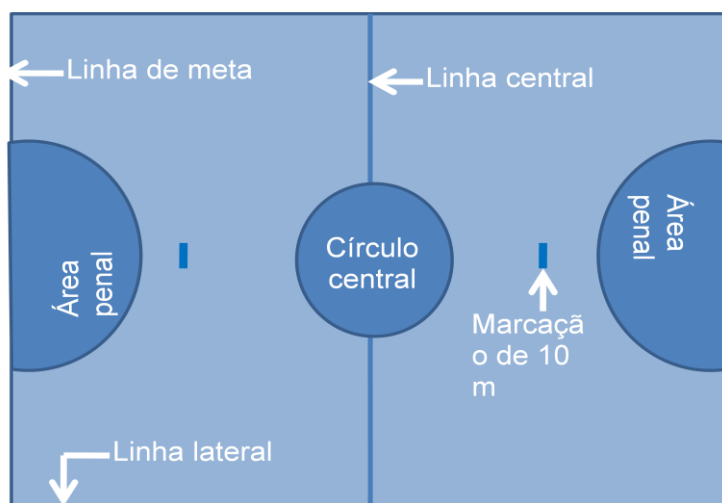


FIGURA 2: Demarcações da quadra

Os gols serão formados por dois postes verticais separados por 3 metros entre eles e ligados por um travessão horizontal a 2 metros do solo (FMFS, 2012). A medida do gol não varia de acordo com as diferentes categorias.

Quanto ao número de jogadores, cada equipe é composta por 5 jogadores, sendo um deles o goleiro. Há um número indeterminado de substituições que podem ser realizadas a qualquer momento, com a bola em jogo ou não (FMFS, 2012).

Quanto ao tempo de jogo, a Federação Mineira de Futsal (2012) regulamenta para o campeonato metropolitano na categoria sub-13, dois tempos de 15 minutos cada, sendo cada tempo dividido em dois quartos:

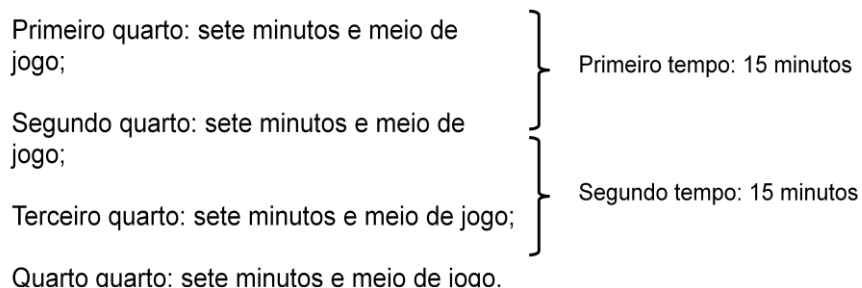


FIGURA 3: Divisão do tempo de jogo categoria sub-13.

De acordo com o regulamento do campeonato sub-13 organizado pela FMFS (2012), durante o primeiro quarto, a escolha dos atletas que irão jogar é livre. No segundo quarto, poderão jogar apenas os atletas que não participaram do primeiro quarto. Já nos terceiro e quarto quartos, a escolha de atletas é livre.

2.3 Imprevisibilidade dos Jogos Esportivos Coletivos

O jogo coletivo se caracteriza como um confronto entre duas equipes que buscam objetivos antagônicos. As ações dessas equipes ocorrem em espaço comum, sendo entrelaçadas e desenvolvidas pelos jogadores das duas equipes. A maior ou menor adequação das ações desenvolvidas pelos jogadores decorre do nível de conhecimento tático declarativo e processual que estes demonstram frente às situações (Garganta, 2001). Assim, percebe-se que é importante dominar as técnicas de uma modalidade, saber ‘como fazer’, mas que a correta aplicação destas técnicas, em momentos oportunos do jogo, contribui para um melhor desempenho da equipe. A escolha correta de habilidades em um dado momento do jogo (‘o que fazer’) dita o sucesso de um avanço ofensivo ou de um desarme e possível contra-ataque e tudo isso está ligado à estratégia da equipe, que se relaciona com o conhecimento tático que os jogadores apresentam frente aos constrangimentos da partida, do entendimento do jogo.

De acordo com Matias e Greco (2010), nos jogos esportivos coletivos é necessário fugir à previsibilidade do jogo e saber lidar com a imprevisibilidade das situações, portanto é importante que os atletas conheçam, captem a informação e tomem a decisão mais adequada frente às situações vivenciadas em jogo. A seleção de uma resposta adequada centra-se na cognição e a correta “leitura de jogo” realizada pelos atletas, assim, esse processo cognitivo torna-se um fator primordial no resultado da partida.

Garganta (2006) afirma que pelo fato de os JEC apresentarem imprevisibilidade de ações (frequência, ordem cronológica e complexidade) no tempo e espaço de jogo, torna-se necessário desenvolver competências

que perpassam a execução propriamente dita e valorizem as capacidades relacionadas com as estratégias cognitivas que guiam a captação de informação e posterior tomada de decisão. O autor ainda afirma que os JEC implicam quadros de prática esportiva que vão além da observação das regras e princípios de jogo, mas que oferecem a possibilidade da criação de novos quadros de ações esportivas. Assim, o jogo parte da coexistência de uma dimensão mais previsível ditada pelas regras e princípios de jogo, com outra menos previsível, materializada pela autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e singularidade dos acontecimentos.

Nos jogos coletivos, as ações dos jogadores são condicionadas pelas diferentes situações que o jogo impõe, sendo assim, a observação de todos os jogadores em movimento torna-se extremamente complexa (Garganta 2001). Portanto, é necessário que a observação de jogo também se adeque à imprevisibilidade do jogo, à movimentação da equipe como um todo e a forma como os atletas se utilizam da técnica esportiva. De fato, as táticas individuais são importantes para a manutenção da posse de bola, por exemplo, mas a técnica executada por um atleta faz parte de uma interação entre ele e mais dois colegas de equipe, caracterizando a tática de grupo, que por fim pode culminar em um envolvimento de toda a equipe na jogada, implicando em movimentações de desmarcação, procura por espaços vazios e padrões de jogo que certamente mudarão o resultado da partida. Portanto, o observador de jogo não deve se prender somente às variáveis técnicas apresentadas por um indivíduo, mas observar o envolvimento tático da equipe.

2.4 Futsal: aspectos ofensivos e procura da desestabilização dos defensivos

Era muito comum se observar análises de jogo avaliando aspectos técnico-táticos individuais, mas percebe-se que o levantamento de indicadores coletivos permite aferir com mais precisão os processos técnico-táticos desenvolvidos pela equipe (Duarte, 2008). Exemplos incluem: organização

ofensiva e defensiva da equipe, superioridade ou inferioridade numérica nas ações de ataque e defesa e etc.

Garganta (2006) afirma que nos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), dois times disputam objetivos comuns gerenciando tempo e espaço através de tarefas de “sinal contrário” (ataque contra defesa). Dessa forma, é possível destacar que o objetivo do jogo é marcar gols, pontos, a fim de alcançar a vitória. Para isso, a equipe precisa ser eficaz no período ofensivo, buscando desestabilizar a defesa do adversário. Normalmente o resultado positivo não é alcançado frente a uma técnica individual bem realizada, mas através do engajamento entre os componentes do grupo, que buscam o mesmo objetivo.

Assim, Matias e Greco (2009) explicam bem o engajamento entre os componentes da equipe, por meio de três conceitos: tática individual, de grupo e coletiva. A tática individual é a ação do jogador frente a uma situação, que busca uma solução ou objetivo por meio da realização de uma técnica. A tática de grupo considera as ações entre dois ou três jogadores por meio de uma sequência de técnicas individuais que visa um objetivo comum e a tática coletiva envolve três ou mais jogadores, com um plano geral de ações pré-estabelecido, no intuito de alcançar o objetivo desejado. Transpondo os conceitos apresentados para o futsal, podemos citar como exemplo de tática individual como um drible, passe, chute ou finta executada pelo atleta a fim de alcançar um determinado objetivo. A tática de grupo pode ser identificada como triangulações, tabelas, lançamentos, dobras, coberturas, que abrangem uma sequência de passes, dribles ou movimentações individuais. Já a tática coletiva engloba todas as habilidades e estratégias citadas anteriormente, a fim de envolver toda a equipe, por meio de movimentações pré-definidas (padrão de beirada, por exemplo), a adoção de posicionamento 3-1 ou 2-2 (mais comuns) para o estabelecimento de alguma jogada ou até mesmo utilizar a tática coletiva na defesa, como o uso da marcação pressão, na qual todos os jogadores estreitam a marcação dos jogadores da equipe adversária que se encontra na fase ofensiva. Dessa forma, de acordo com Garganta (2006), pelo fato de atuarem em contextos de cooperação e oposição, as equipes são consideradas como sistemas especializados que são dominados pelas

competências estratégicas e desenvolvimento de respostas ao longo das vivências.

Duarte (2008) afirma que a imprevisibilidade de um jogo de futsal limita certas previsões realizadas por um treinador, mas os indicadores técnicos e táticos de uma equipe estabelecem as razões pelas quais essa equipe se encontra a frente ou atrás do marcador. Portanto, observar se a fase ofensiva de uma equipe é eficaz, desestabilizando a defesa adversária por meio de contra-ataques, jogo organizado, bolas paradas ou bolas roubadas (Vilhena, 2005) culminando em finalizações ao gol, torna-se essencial para entender a superioridade de certa equipe em jogo.

2.6 Aspectos técnico-táticos individuais, de grupo e coletivos

Greco e Benda (2007) definem técnica como a “interpretação, no tempo, espaço e situação, do meio instrumental operativo inerente à concretização da resposta para a solução de tarefas ou problemas motores.” (GRECO e BENDA, p. 55)

Saad (1997) aponta alguns elementos que ele denomina como ‘técnicas individuais’, dentre os quais estão: condução, passe, recepção, chute, drible, finta e marcação. De acordo com Matias e Greco (2009), há táticas individuais de jogo, portanto as variáveis acima citadas poderiam também ser categorizadas com elementos táticos. Assim, o presente trabalho considerará as variáveis contidas nas dimensões individuais, de grupo e coletivas como aspectos técnico-táticos, pois a técnica de um chute, por exemplo, que se caracteriza como ‘o que fazer’ na partida pode ser eficiente, mas para se alcançar o objetivo do jogo que é o gol, deve ser realizado de forma eficaz, devendo o jogador observar os deslocamentos do goleiro e escolher o melhor momento para o chute, capacidades estas que se relacionam com os processos cognitivos, experiência individual e da equipe.

2.6.1 Fundamentos técnico-táticos individuais

A) Condução

É a ação de transportar a bola em direções variadas (ANDRADE JÚNIOR, 1999). De acordo com Saad (1997), a condução pode ser realizada de forma retilínea e sinuosa e alguns cuidados devem ser tomados para um bom desempenho da técnica como: erguer a cabeça ao conduzir, coordenar a condução com a velocidade de execução, manter a bola próxima ao corpo a fim de protegê-la do adversário. Pelo viés estratégico e tático da condução, é importante conduzir a bola por um curto espaço de tempo já que é possível encontrar um companheiro de equipe que esteja melhor posicionado em quadra para receber o passe e utilizar a técnica de condução a fim de passar, finalizar ou manter a posse de bola, buscando o objetivo maior que é a finalização ao gol.

B) Passe

O passe se caracteriza como a ação de enviar a bola a um companheiro de ou a um determinado setor da quadra, podendo ser de distância curta, média ou longa, com trajetória rasteira, parabólica ou a meia altura e executado utilizando várias partes do pé, cabeça, coxa ou peito (SAAD, 1997). O passe pode ser dado tanto no pé do companheiro de equipe quanto no vazio e para isso é necessário que o executante tenha uma boa organização dos ângulos, controle da força, antecipação da posição defensiva e observar os deslocamentos do companheiro de equipe e do adversário (KROGER e ROTH, 2005); além disso, o executante precisa pensar, tomando uma decisão de forma rápida para quem realizará o passe, observando qual o jogador que está melhor colocado, desmarcado.

C) Recepção

Segundo Saad (1997), a recepção se caracteriza como a ação de diminuir a velocidade da bola recebida com qualquer parte do corpo, a fim de dar sequência à jogada. A parte do corpo utilizada para receber a bola varia de acordo com a trajetória do passe (rasteiro, parabólico ou meia altura). Assim, uma boa técnica de recepção engloba um posicionamento correto

do corpo em relação à trajetória da bola, equilibrar-se para dar prosseguimento à jogada e manter a posse de bola após a recepção (SAAD, 1997). Do ponto de vista da tática individual, uma boa recepção também significa ler a jogada do companheiro de equipe. Por exemplo, um pivô realizará uma boa recepção se, ao ser marcado, fintar o marcador e receber a bola no vazio, em um setor da quadra sem marcação.

D) Drible

É a ação individual realizada com a bola objetivando ludibriar o adversário para dar sequência na jogada (SAAD, 1997). O autor ainda ressalta que a técnica do drible é eficiente quando há noção de espaço, coordenação e velocidade de execução. Outros fatores destacados como importantes podem ser categorizados como aspectos táticos de execução eficaz, como: bom tempo de reação, que depende da leitura do posicionamento do defensor e imprevisto na utilização das diferentes técnicas individuais do drible, que pode configurar a sequência ou não na jogada, uma vez que a escolha errada de um drible por tomada de decisão lenta ou por falta de repertório motor acarretará na perda da posse de bola.

E) Finta

Segundo Saad (1997) é o ato de, sem a posse da bola, ludibriar o adversário com o corpo para ocupar um espaço na quadra, ou, de acordo com Andrade Júnior (1999), com o objetivo de se encontrar em melhores condições de receber o passe de seu companheiro. Percebe-se então que a finta não apresenta padrão de execução técnico, entretanto uma boa finta é realizada se o jogador perceber que pode ser uma opção de passe ou que pode puxar a marcação liberando espaço para o companheiro que detém a posse de bola. Portanto, a finta depende da leitura de jogo feita pelo jogador, que é mais importante do que o padrão de movimento utilizado para efetuar-la.

F) Marcação

É a ação realizada pelo marcador para impedir que seu adversário receba a bola ou progrida na jogada (SAAD, 1997). Como aspecto técnico da

execução da marcação é importante ressaltar que o marcador deve se posicionar com um pé a frente do outro e com as pernas afastadas na largura do quadril; se possível, o marcador deve tirar o calcanhar do solo e realizar pequenos saltitos enquanto se desloca, a fim de ativar a musculatura da perna e coxa para ganhar agilidade na marcação. Segundo Saad (1997), o marcador deve manter certa distância do adversário para que quando este se deslocar, o marcador possa acompanhá-lo e quando o adversário estiver com a posse de bola, o marcador possa tentar interceptá-lo sem que seja driblado. Saad também destaca outro fator a ser observado no momento da marcação que pode ser enquadrado como um aspecto tático-estratégico da marcação no futsal no qual o marcador deve oferecer somente as laterais da quadra ao adversário para progredir, pois se o adversário tentar finalizar ao gol, seu ângulo de chute será diminuído e se ele tentar passar a bola será mais fácil interceptar o passe, pois geralmente através dessa estratégia é oferecida somente uma opção de passe e condução ao adversário; é ideal abordar o adversário para recuperar a posse de bola antes que ele efetue seu domínio completo, já que essa ação surpreende o adversário e pode ocasionar um contra-ataque mais eficaz uma vez que o adversário será desarmado e ultrapassado pelo marcador ao mesmo tempo.

G) Chute

Ação realizada a fim de atingir a meta adversária. Essa ação é realizada utilizando-se um dos pés, que entra em contato com a bola mudando a trajetória e velocidade dela.

De acordo com Saad (1997), o chute pode ser rasteiro, à meia altura ou alto, sendo utilizado tanto peito do pé, como parte interna, externa, bico do pé ou calcanhar. O chute pode ser realizado com apoio no solo ou não, após domínio da bola ou de bate-pronto, cavado, de voleio e etc. Saad ressalta que para realizar uma técnica ideal do chute é necessário estar com o corpo equilibrado, imprimir força de forma controlada, posicionar bem o pé de chute e, quando o chute é realizado com o pé de apoio no solo, posicioná-lo ao lado da bola. Do ponto de vista estratégico do chute, o executante deve observar o posicionamento do goleiro ou da defesa que

possa tentar interceptar a finalização para atingir o objetivo de marcar o gol (na fase ofensiva). Já na fase defensiva, o executante deve observar se a execução do chute é a melhor saída para parar a jogada, uma vez que ele pode tentar desarmar o adversário e iniciar um contra-ataque.

2.6.2 Táticas de grupo

De acordo com Matias e Greco (2009), as táticas de grupo consideram as ações entre dois ou três jogadores por meio de uma sequência de técnicas individuais visando um objetivo comum. No futsal as táticas de grupo acontecem com frequência pelo fato de o espaço de jogo ser reduzido (espaço de 40x20 m no máximo com 10 jogadores); portanto, é importante que os jogadores se desloquem com frequência, procurando espaços vazios para receber o passe e realizá-lo logo em seguida, procurando novamente um setor da quadra vazio para receber a bola e estar em melhores condições de finalizar ao gol.

Algumas táticas de grupo devem ser destacadas no futsal como: tabelas, triangulações, cruzamentos entre os jogadores e permutas (trocas de posição sem a bola), dobras de marcação, coberturas e trocas defensivas.

A) Tabela

A ação denominada “tabela” é realizada entre dois jogadores, sendo que o primeiro realiza o passe para o segundo, se deslocando para o espaço vazio e o segundo realiza um passe que geralmente é dado sem domínio da bola (de primeira), com o objetivo de alcançar o espaço vazio que será ocupado pelo primeiro jogador. A tabela é uma ação que oportuniza ao jogador com a posse de bola, superar seu marcador direto (FERNÁNDEZ *et al.*, 2012. In GRECO e ROMERO). Os autores também destacam que os jogadores envolvidos na ação ofensiva devem realizar deslocamentos a fim de se livrarem dos marcadores. Também salientam que se o jogador que realizou o passe não estiver em condições de recebê-lo de volta, os outros companheiros de equipe devem estar atentos, pois também poderão receber a bola.

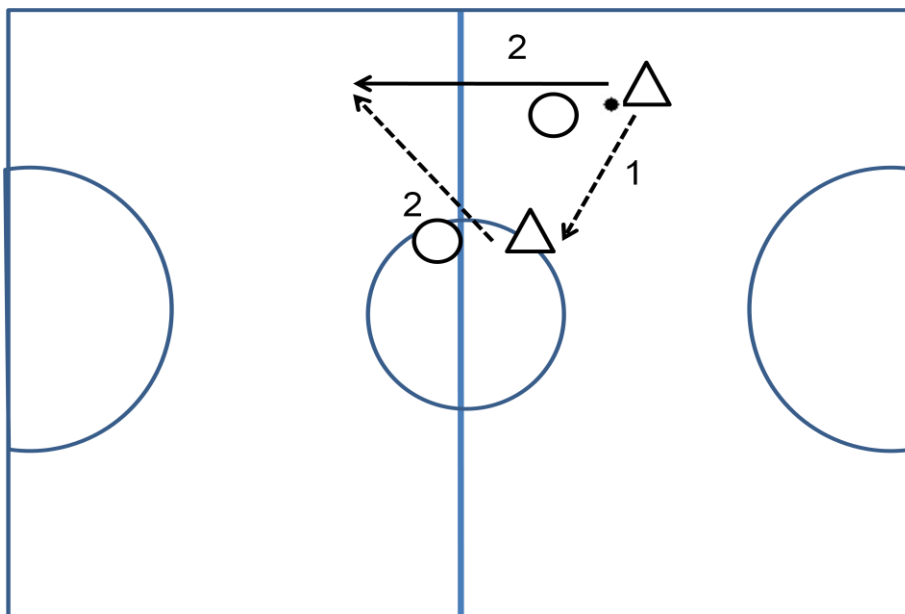


FIGURA 4: Tabela entre jogadores

B) Triangulação

A ação de triangulação envolve três jogadores de linha e tem como objetivo dinamizar a troca de passes para colocar o terceiro jogador que recebe o passe em condições de finalização ou progressão da jogada. É importante que os jogadores se desloquem na quadra para se desvencilharem dos marcadores, achando espaços vazios para a recepção do passe, ao mesmo tempo em que devem se aproximar para que a ação seja dinamizada.

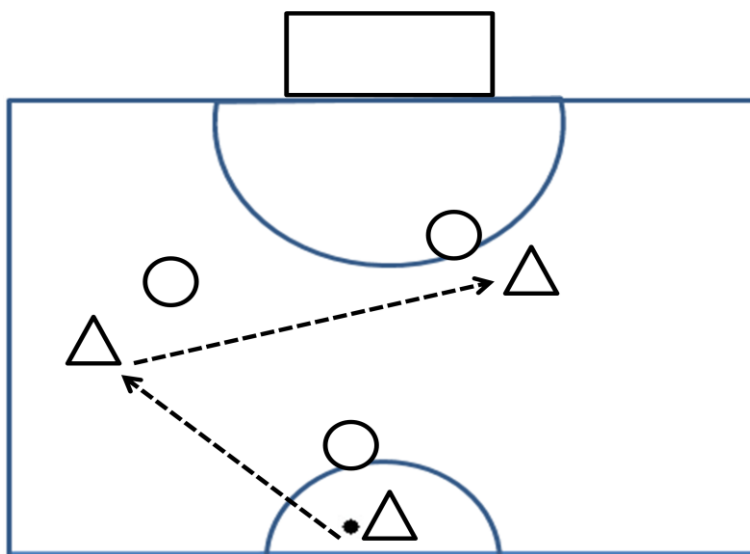


FIGURA 5: Triangulação

C) Cruzamento entre os jogadores

A ação do cruzamento é realizada quando o jogador sem bola passa por trás do jogador com a posse de bola, confundindo assim seu marcador individual e recebendo o passe do companheiro para progredir na jogada. Um dos objetivos do cruzamento é buscar o erro ou o atraso na ação defensiva, buscando superioridade numérica em um setor específico da quadra (FERNÁNDEZ et. al, 2012 in: GRECO e ROMERO). Os autores também ressaltam a importância de se coordenar tempo e espaço para que haja êxito na ação.

Normalmente, o jogador que se encontra com a posse da bola realiza o passe para seu companheiro que passa nas costas dele usando o calcanhar, com a sola do pé, empurrando a bola para trás, ou de lado, usando a parte externa do pé.

É comum que o jogador sem a posse de bola comece a ação, sendo necessário que o jogador com a posse perceba a ação do companheiro a fim de realizar o passe. Se o jogador que detém a bola não lê a jogada a tempo, é provável que o jogador seja marcado tanto pelo seu defensor fixo quanto pelo marcador do jogador que realizou a ação, encontrou um espaço vazio, mas não recebeu o passe.

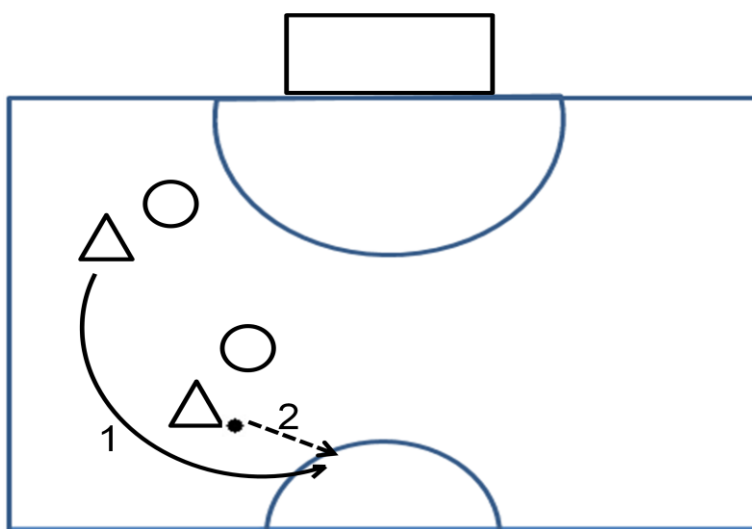


FIGURA 6: Cruzamento

D) Permuta

A permuta é realizada entre dois jogadores que não detêm a posse da bola no momento da ação. Eles trocam de posição, sendo que A vai para o lugar de B e B vai para o lugar de A. A ação é realizada com o objetivo de confundir a marcação, para que um desses jogadores possa receber a bola do companheiro de equipe que detém sua posse. A permuta é muito utilizada nas táticas coletivas, como a troca de ala e pivô no padrão de beirada, por exemplo.

Deve-se tomar algumas precauções ao se realizar essa ação como: um dos jogadores não perceber que deve trocar de posição com o companheiro, assim, dois jogadores de defesa ocupam o mesmo espaço, sendo necessário que somente um adversário realize a marcação, deixando outro marcador livre para realizar uma dobra ou cobertura no adversário que detém a posse da bola; haver troca de posição entre os jogadores de forma mecanizada, sendo que estes trocam de posição sem observar o jogador com a posse de bola para receberem o passe.

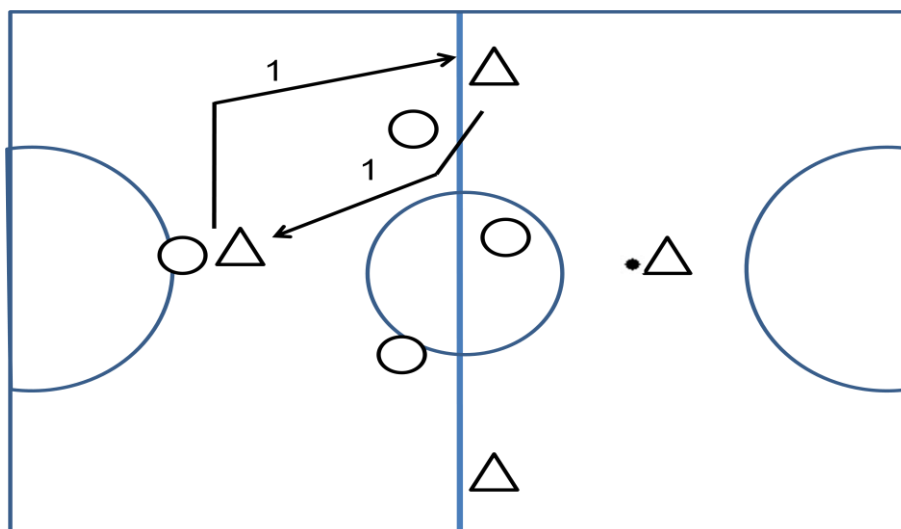


FIGURA 7: Permuta

Todas as ações anteriormente explicadas fazem parte da fase ofensiva de uma equipe. Abaixo, serão brevemente explicadas as táticas de grupo na fase defensiva.

E) Dobra de marcação

A dobra de marcação ocorre quando o adversário está progredindo na jogada e os defensores pretendem parar a jogada, talvez por haver risco de finalização, ou para evitar que um jogador habilidoso possa receber o passe do jogador marcado pela dobra. Geralmente, o marcador do jogador com a bola recebe auxílio de marcação de um jogador mais próximo e os dois marcadores impedem tanto a progressão do atacante quanto a realização de passe do jogador com a bola, pois se há dois jogadores marcando um adversário, há um jogador sem marcação para receber a bola. É importante ressaltar que a dobra de marcação deve ser bem realizada tecnicamente, pelo fato de que se não for, colocará a defesa em inferioridade numérica e grande risco de sofrer o gol. Para isso, é mais seguro e usado o método de abordagem ao jogador que se encontra na ala, pois o marcador fixo impede que o atacante progrida para frente e o marcador auxiliar impede a realização do passe ou a progressão para o meio da quadra.

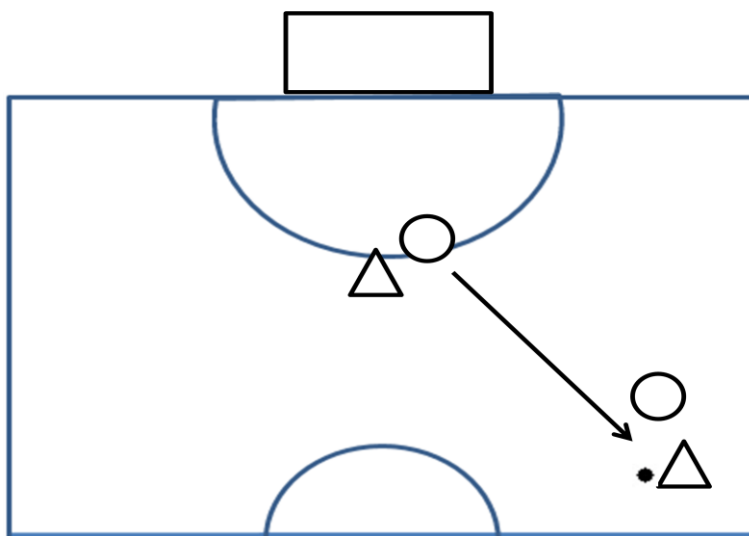


FIGURA 8: Dobra de marcação

F) Cobertura

A ação defensiva de cobertura implica que o marcador foi superado pelo jogador com a posse de bola, mas um segundo marcador, posiciona-se logo atrás do jogador ultrapassado para impedir a sequência ofensiva. Vale ressaltar que o segundo marcador já havia sido instruído ou havia feito a leitura da jogada de forma prévia, posicionando-se de forma a parar a

jogada. Como o marcador auxiliar abandona seu jogador, ele deve realizar a cobertura de forma eficaz, pois este estará livre para receber a bola do jogador com a posse. É por isso que geralmente os marcadores que realizam a cobertura devem abordar o adversário de forma equilibrada, ágil e decidida, a fim de terminar a jogada de ataque, podendo ocorrer desarme com chute para fora da área de jogo.

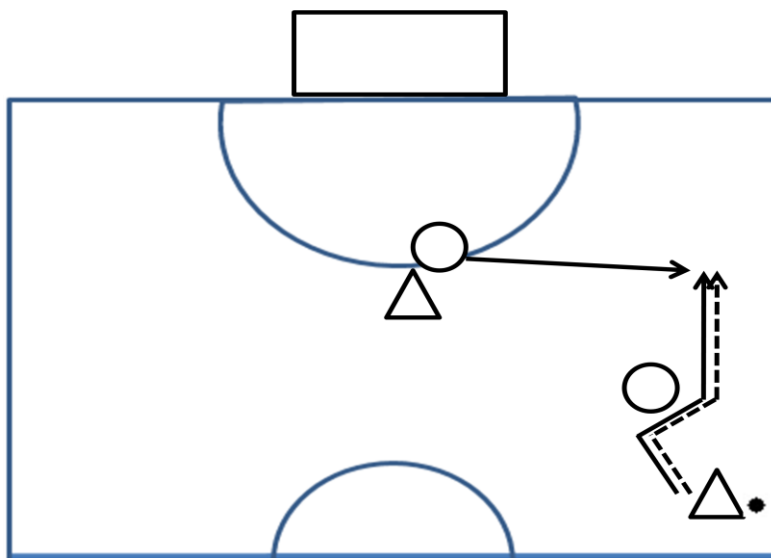


FIGURA 9: Cobertura

G) Troca defensiva

A troca defensiva ocorre quando dois ou mais marcadores trocam o jogador que estão acompanhando. Essa ação pode ocorrer quando os jogadores da fase ofensiva realizam um cruzamento ou permuta, por exemplo. Quando essas ações ofensivas acontecem é mais econômico realizar a troca de marcação do que o acompanhamento aos jogadores envolvidos na ação. Vale ressaltar que sendo esta ação defensiva mais econômica não implica que ela seja mais fácil, uma vez que os marcadores devem ler e perceber a jogada de forma semelhante, a fim de continuarem com a defesa protegida. Se um dos marcadores acompanha seu marcador, mas o outro continua em seu lugar esperando o jogador que realizou a ação ofensiva, haverá um jogador de ataque livre, inferioridade numérica na defesa e um possível gol sofrido na progressão da jogada. Portanto geralmente o técnico, nos treinamentos, organiza a defesa de forma a acompanhar seus marcadores ou trocar a marcação. Essa tomada de decisão do técnico depende da

configuração de sua equipe. Se a equipe tecnicamente marca bem, mas taticamente não consegue se posicionar para trocar a marcação quando necessário é provável que o técnico opte pela marcação individual sem troca, mesmo que a ação defensiva demande mais energia.

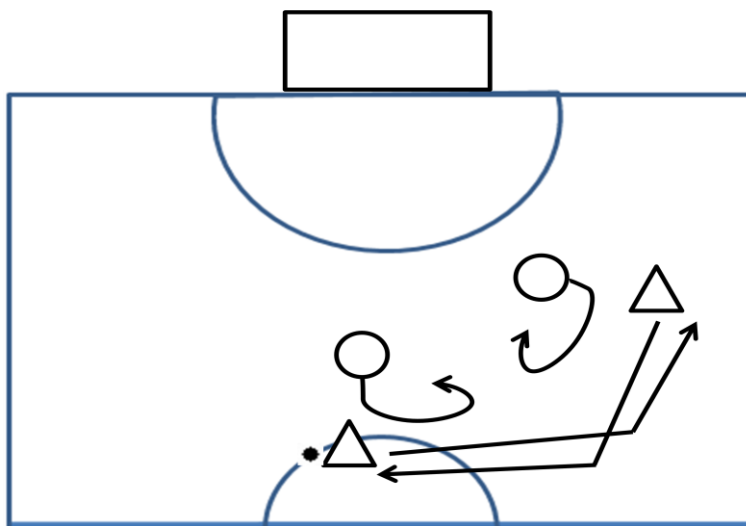


FIGURA 10: Troca defensiva

Vale ressaltar que nenhuma das táticas de grupo será eficaz se os fundamentos técnico-táticos individuais não forem bem executados.

2.6.3 Táticas coletivas

Como ressaltado no quadro acima, é importante que as táticas de grupo também sejam efetivas para que se obtenha êxito nas táticas coletivas. Greco e Benda (1998) enfatizam que a técnica será bem executada se os diferentes parâmetros inerentes ao treinamento da coordenação forem desenvolvidos, percebe-se que as táticas coletivas dependem de um bom desenvolvimento das táticas de grupo, que, por sua vez, dependem de um bom desempenho dos fundamentos técnico-táticos individuais.

A tática coletiva envolve três ou mais jogadores, com um plano geral de ações pré-estabelecido, no intuito de alcançar o objetivo desejado (MATIAS e GRECO, 2009). Ou seja, no futsal a tática coletiva envolverá no máximo cinco jogadores (podendo haver a participação do goleiro) em manobras

previamente treinadas a fim de alcançar o objetivo do jogo que a vitória, marcando gols e evitando a progressão ofensiva do adversário.

Como as manobras coletivas são pré-estabelecidas pelo técnico e envolvem um conjunto de táticas de grupo e fundamentos técnico-táticos individuais, é possível que inúmeras jogadas coletivas sejam realizadas, dependendo apenas que o técnico use de sua criatividade para estabelecer tais manobras. Portanto, a tática coletiva envolve jogo posicional com diversos sistemas de jogo, jogo com mudança de formação, manobras coletivas de contra-ataque e jogadas de bola parada (Souza, 2002).

A) Sistemas de jogo

De acordo com Andrade Júnior (1999), o sistema de jogo é o posicionamento dos jogadores em quadra de forma estratégica, a fim de a equipe estar bem estruturada tanto ofensivamente quanto defensivamente. Saad (1997) ainda afirma que os sistemas de jogo englobam posicionamentos ordenados e pré-estabelecidos dos jogadores com o intuito de facilitar as manobras no ataque e defesa. Há sistemas de jogo organizados tanto para a fase ofensiva quanto para a defensiva (SAAD, 1997; ANDRADE JÚNIOR, 1999).

Segundo os autores, na fase defensiva é comum observar o sistema de jogo com marcação individual, por zona ou mista; com pressão, pressão parcial ou meia quadra; além de posicionamentos defensivos pré-estabelecidos de marcação em faltas, tiros de canto, ou laterais. É importante ressaltar que as táticas coletivas de marcação pressão, pressão parcial e meia quadra são utilizadas dentro das táticas coletivas de marcação individual, por zona e mista.

Na fase ofensiva é comum observar os posicionamentos em quadra: 2-2, 2-1-1, 3-1 e 3-2 com o goleiro (SAAD, 1997; ANDRADE JÚNIOR, 1999; TENROLLER, 2004)

- Fase defensiva

Marcação individual: de acordo com Tenroller (2004), na marcação individual (ou homem a homem) não há preocupação direta com a bola, dando-se ênfase ao jogador marcado. Será designado um jogador para

cada adversário a fim de tirar os espaços dele durante o jogo, impedindo-o de receber a bola ou tentando o desarme. Saad (1997) e Andrade Júnior (1999) complementam que na marcação individual o marcador deve acompanhar os deslocamentos do seu oponente por toda a quadra. Saad ressalta que essa marcação é mais utilizada contra equipes de menor nível técnico, com pouco condicionamento físico ou quando em desvantagem no placar.

Marcação por zona: os jogadores devem ter a atenção dirigida à bola, marcando “espaços” e setores da quadra por onde as ações ofensivas dos adversários são realizadas (TENROLLER, 2004; ANDRADE JÚNIOR, 1999). É importante destacar que apesar do menor desgaste físico ao desempenhar esse tipo de marcação, deve ser bem treinada entre os companheiros de equipe para evitar o erro além do que dois jogadores de ataque podem ocupar o mesmo setor de marcação de um jogador de defesa, dificultando a marcação (SAAD, 1997).

Marcação mista: há variação entre marcação individual e por zona, dependendo das situações do jogo. É muito utilizada no futsal de alto nível (SAAD, 1997). As trocas no tipo de marcação são comandadas por um jogador (ANDRADE JÚNIOR, 1999), que geralmente é o jogador que se encontra na posição de fixo e tem uma visão panorâmica do desenvolvimento ofensivo da equipe adversária.

Marcação pressão: tática defensiva na qual todos os jogadores ficam próximos aos seus oponentes (SAAD, 1997), tirando os espaços deles a fim de impedir a sequência ofensiva, desarmando o jogador com a bola ou impedindo que os outros jogadores de linha recebam o passe.

Marcação pressão parcial: oferece-se um pouco mais de liberdade para a equipe adversária, mas deve-se tirar o espaço do jogador que está com a bola (ANDRADE JÚNIOR, 1999). O jogador que marca o adversário com a bola deve impedi-lo de executar o passe, ou progredir com a bola (SAAD, 1997). O autor ainda destaca que essa tática coletiva é indicada para ser utilizada contra equipes do mesmo nível técnico.

Marcação meia quadra: deve-se dar combate ao adversário quando este atingir as proximidades do meio da quadra, o que dificulta as jogadas nos espaços vazios. É indicada contra equipes de maior nível técnico e quando se deseja jogar no contra-ataque (SAAD, 1997).

Marcações em faltas, tiros de canto e laterais: há diversos tipos de marcações relatados na literatura quanto a essas condições especiais encontradas em um jogo de futsal. Também é importante observar que há diferentes tipos de marcação para uma mesma jogada executada pela equipe adversária dependendo da distância da cobrança de falta ou lateral até o gol.

- Fase ofensiva

2-2: foi praticamente o primeiro sistema de jogo apresentado no futsal na década de 50 e consiste em dois jogadores na defesa e dois no ataque. É muito utilizado nas categorias de base (SAAD, 1997). Tenroller (2004) afirma que o sistema 2-2 é mais utilizado por categorias de base pelo fato de ser um sistema de jogo que limita as táticas de grupo. O fato de haver dois jogadores na defesa e dois no ataque diminui as opções de jogadas, mas apesar das limitações, é possível conseguir bons resultados (MUTTI, 2003).

2-1-1: Saad (1997) afirma que essa tática coletiva é uma variação do sistema 2-2 muito utilizado contra marcação pressão do adversário. Há dois jogadores próximos à área do goleiro, um próximo à metade da quadra e outro jogador na quadra ofensiva.

3-1: esta formação é comumente utilizada nas saídas de bola na área defensiva da quadra, sendo possível articular jogadas entre a linha de três jogadores a fim de realizar um passe para o jogador mais adiantado que se encontra na meia quadra ofensiva (MUTTI, 2003). De acordo com Saad (1997) é o sistema de jogo mais utilizado pela maioria das equipes de futsal, sendo possível atacar e defender com três jogadores.

3-2: este sistema de jogo utiliza o goleiro como opção de passe na linha. Vale ressaltar que pelo fato das regras do futsal terem mudado recentemente, o goleiro só poderá trabalhar a jogada junto aos jogadores de linha se ele ultrapassar o meio da quadra, jogando na quadra ofensiva. De acordo com Saad (1997) pode-se utilizar esta tática de grupo quando em desvantagem no marcador, substituindo o goleiro por um jogador de linha. Entretanto, devido às mudanças na regra do jogo, é um sistema de jogo altamente perigoso, pelo fato da quadra defensiva e o gol ficarem desguarnecidos. Ultimamente, as equipes de futsal têm substituído o goleiro por um jogador de linha quando utilizam esse sistema de jogo, colocando-o na ala. Um dos outros jogadores faz o papel de fixo e pode ficar na meia quadra defensiva, trazendo mais segurança à defesa.

B) Jogo com mudança de formação

Através dos sistemas de jogo apresentados anteriormente, é possível que os jogadores realizem deslocamentos pré-determinados pela quadra a fim de ludibriar o marcador, receber o passe, dar prosseguimento na sequência ofensiva e chutar ao gol.

No sistema 2-2, por exemplo, um dos jogadores da meia quadra defensiva realiza o passe para seu companheiro ao lado e desloca-se na diagonal da quadra ocupando o lugar do jogador da ala contrária da meia quadra ofensiva, que se desloca para o lado ocupando o setor do outro jogador da meia quadra ofensiva, que sobe, ocupando o lugar do jogador que havia realizado o passe. É importante que o jogador que se desloca na diagonal da quadra olhe para o companheiro de equipe para o qual realizou o passe, uma vez que ele pode receber o passe de volta antes de ter ocupado o espaço do seu companheiro na meia quadra ofensiva.

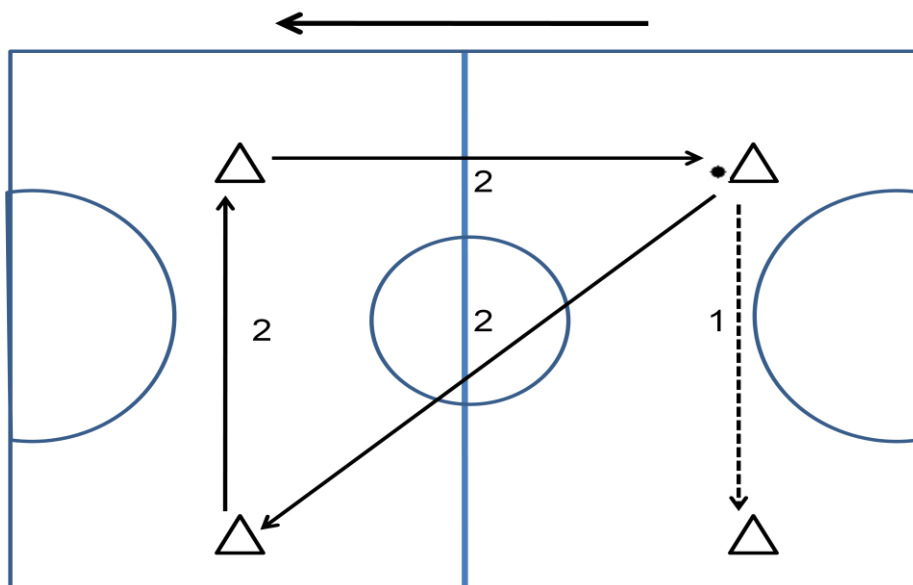


FIGURA 11: Tática coletiva, padrão 2-2 (1)

No sistema 2-2, o jogador que realiza o passe na meia quadra defensiva, pode se deslocar até o meio da quadra e voltar para a mesma ala, mas na meia quadra ofensiva, ao mesmo tempo em que o jogador que terá seu setor ocupado deverá recompor a posição do jogador que iniciou a jogada.

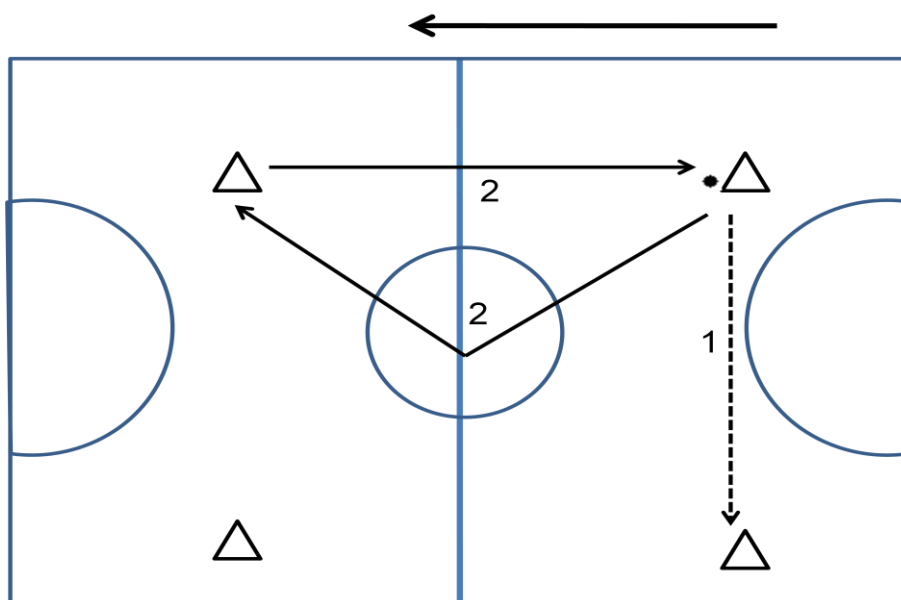


FIGURA 12: Tática coletiva, padrão 2-2 (2)

No sistema 3-1, um dos alas realiza o passe para o fixo, desloca-se para a meia quadra ofensiva ocupando o lugar do pivô que sobe para recompor o setor vazio que o ala havia deixado.

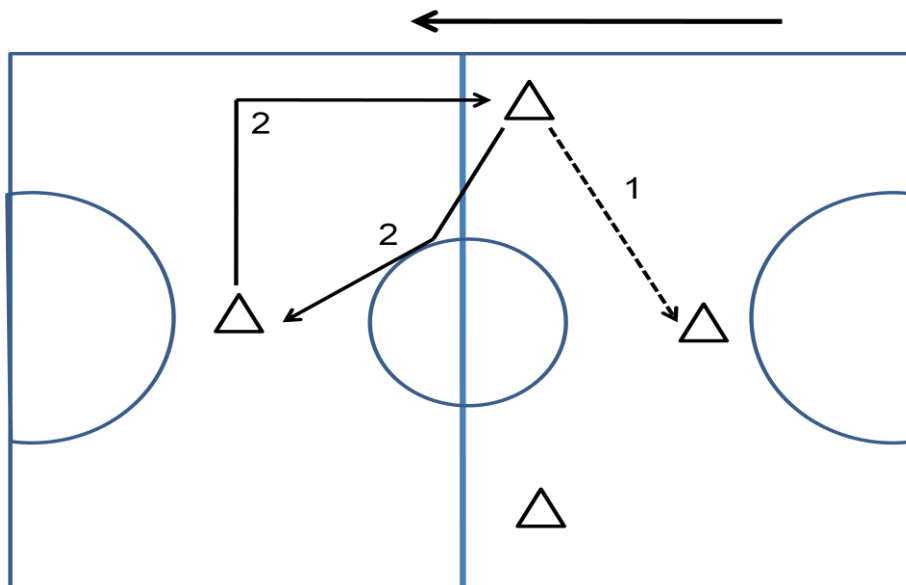


FIGURA 13: Tática coletiva, padrão 3-1

Conclui-se então que não basta somente que um sistema de jogo seja treinado se deslocamentos e mudanças de formação não sejam realizados. Tais estratégias são conduzidas a fim de liberar espaços vazios, nos quais o jogador se encontra livre do marcador para receber passes, conduzir a bola, realizar dribles e finalizar. Por isso que o futsal é considerado como um esporte dinâmico e rápido. Percebe-se que através de estudos, pesquisas, treinamentos e jogos busca-se inovar as táticas individuais, de grupo e coletivas, trazendo movimento e fluência nas jogadas. Através dos deslocamentos e jogadas realizadas no jogo, os jogadores de linha perdem suas posições fixas e passam a ter que dominar as habilidades necessárias para jogar em variados setores da quadra, além de necessitarem realizar uma boa leitura do jogo ao desempenhar diversas funções.

2.7 Fatores envolvidos na finalização

Diante das temáticas abordadas ao longo do capítulo percebe-se que para que um jogador se encontre em boas condições de finalização, é necessário que toda a equipe tenha um bom desempenho técnico e tático, buscando sempre desequilibrar a defesa adversária por meio de movimentações, procura de espaços vazios, passes rápidos e precisos, fintas e dribles eficientes, além de na fase defensiva, apresentar boa marcação, leitura das jogadas do adversário e antecipação para dar início à sequência ofensiva.

A finalização demanda que as táticas individuais, de grupo e coletivas sejam bem desempenhadas pela equipe, sendo importante a análise da interação da equipe nas situações que precedem o chute ao gol.

Vilhena *et al.* (2005) realizaram um estudo analisando e comparando as ações ofensivas da fase final do campeonato mineiro de futsal nas categorias pré-mirim e mirim. Os autores buscaram classificar as ações ofensivas que resultaram em finalizações. As ações foram classificadas em: Jogo Organizado (J.O.), Contra-Ataque (C.A.), Bolas Paradas (B.P.) ou Bolas Roubadas (B.R.).

- a) Jogo Organizado: ações ofensivas realizadas pelas equipes a fim de desequilibrar a equipe adversária por meio de padrões de jogo preestabelecidos em situações de igualdade numérica;
- b) Contra-Ataque: são situações nas quais a equipe, em superioridade numérica, buscou a finalização progredindo dinamicamente em quadra;
- c) Bolas paradas: definidas como situações de arremesso de meta, lateral ofensivo, defensivo, tiro de canto e falta, nas quais a bola foi tocada no máximo três vezes antes da finalização, caracterizando uma jogada ensaiada;
- d) Bolas Roubadas: caracterizadas como ações de recuperação da posse de bola pela defesa em meia-quadra ofensiva, mas que não chegam a caracterizar uma situação de contra-ataque.

O presente estudo abordou as classificações citadas por Silva *et al.* (2005) a fim de organizar as ações ofensivas que culminaram em finalizações.

3 OBSERVAÇÃO DE JOGO

3.1 Importância da observação de jogo

Ao término de um jogo, estatísticas são realizadas a fim de resumir a partida de forma objetiva e quantificável. Esses dados são fruto de uma observação de jogo (ANGUERA *et al.*, 2000). Garganta (2001) afirma que os processos de análise de jogo vieram para auxiliar o trabalho dos técnicos das equipes, que antes faziam as análises por conta própria. Dessa forma, a análise ficava sujeita à subjetividade e às emoções do técnico enquanto acompanhava a partida. Também, para que a análise seja objetiva e atenda às demandas da equipe, ela deve abordar as ações do jogador e da equipe de forma contextualizada e avaliando as situações que originaram ponto ou gol. Assim, de acordo com Prudente (2004), a análise de jogo visa investigar as interações entre jogadores, seus movimentos e comportamentos, que ocorrem, na maioria das vezes em habilidades abertas.

Anguera *et al.* (2000) pontuam como objeto de estudo o indivíduo dentro de seu âmbito de atuação habitual/físico-esportiva e procura-se captar a riqueza de seu comportamento, a espontaneidade de sua conduta. Como o futsal é uma modalidade coletiva e as ações em grupo são mais determinantes do que as individuais, de acordo com os autores, pode-se registrar as ações de uma unidade de observação, ou seja, a linha de defesa/ataque do futsal ou uma equipe. Conclui-se, então que a metodologia observacional analisa o indivíduo ou equipe inseridos em um determinado contexto (PRUDENTE, 2004). Assim, a realidade do contexto natural implica que as condutas objeto de estudo façam parte de um repertório do indivíduo estudado e fazem parte do fluxo de conduta, por exemplo, em um jogo de competição (ANGUERA *et al.*, 2000). Os autores ainda afirmam que a conduta e o contexto implicam múltiplas interações de variáveis, cuja relação está submetida a um dinamismo constante.

O desenvolvimento de estudos acerca da observação de jogo permite que se analise número, tipo e frequência das tarefas motoras realizadas pelos jogadores ao longo do jogo (análise do tempo-movimento). Entretanto, a

pobreza das conclusões decorrentes dos resultados de estudos quantitativos, centrados nas ações técnicas individuais levou os analistas a questionar se esses dados eram realmente relevantes para o contexto de busca de melhoria de resultados de uma equipe. Dessa forma, surgiu a necessidade de se avaliar a dimensão técnica juntamente com as ações táticas desenvolvidas pelos jogadores e pela equipe (GARGANTA, 2001). Dessa forma, o autor faz uma crítica a vários estudos que realizaram a observação de jogo de forma descontextualizada e quantitativa; muitas vezes centradas na individualidade de cada jogador; sendo de pouco valor para a real análise do resultado de um jogo e suas causas. Portanto, a análise de jogo deve ser aplicada de forma contextualizada, de forma a indicar fatores e causas que levaram uma equipe à vitória ou derrota, por isso, a análise deve ser mais do que apenas a contabilização do número de passes, chutes a gol ou desarmes, mas qualitativa e, no caso do futsal e dos esportes coletivos, tática.

A interpretação dos resultados feita após o período de observação de jogo e da análise dos dados se torna o ponto de partida para iniciar uma intervenção, ou adotar uma série de decisões (ANGUERA *et al.*, 2000). De acordo com Garganta (2001) com as informações de jogo em mãos, pode-se: configurar modelos de atividade para jogadores e equipes específicos e até mesmo indicar tendências evolutivas das diferentes modalidades esportivas.

Nota-se que a análise de jogo torna-se indispensável tanto para o treino como para a competição, porque informa sobre as ações do atleta/equipe. Nestas se incluem: tática individual, de grupo e coletiva que, ao serem analisadas, informam ao técnico o desempenho deste atleta ou equipe, para que ele possa intervir, aprimorando a eficácia do atleta, suas tomadas de decisão, além de planejar e controlar de forma mais eficiente o treinamento (MATIAS e GRECO, 2009).

3.2 Como e com o que se observar

De acordo com Anguera *et al.* (2000), a espontaneidade do comportamento fala sobre a execução de determinada atividade (que no caso do presente trabalho é o futsal), a reação a determinadas exigências do ambiente (ações defensivas ou ofensivas), a iniciativa na produção de determinadas respostas (estudo das condutas estratégicas frente a perda da posse de bola, etc.). Observar tais ações configura o objeto de investigação da observação de jogo, mas é necessário que tais condutas obedeçam a uma produção de comportamento do indivíduo sem restrição de graus de liberdade impostos pelo investigador.

Hoje, vários meios e métodos de análise de jogo são encontrados a disposição dos técnicos e investigadores que por meio desses instrumentos coletam informações que sejam benéficas para o desenvolvimento de conhecimentos acerca do jogo; assim, por meio das informações coletadas há probabilidade de melhoria na eficácia desportiva de jogadores e equipes (GARGANTA, 2001). Mas o autor ainda ressalta que a tecnologia é apenas um instrumento que visa acelerar o processo de coleta de informações em um jogo, sendo responsabilidade de o observador captar informações que sejam correspondentes às necessidades da equipe e que visem a melhoria desta. Conclui-se que o aparato tecnológico utilizado para a análise de jogo não aumenta necessariamente a eficácia da observação nem os conhecimentos sobre uma determinada realidade (GARGANTA, 2001). Dessa forma, de nada vale a elaboração e coleta de informações por meio de um instrumento que não mensure o que é necessário mensurar para a melhoria do desempenho de um atleta ou equipe. Assim, de acordo com Matias e Greco (2009), atualmente centraliza-se o estudo no comportamento tático dos atletas no jogo.

Na literatura, a coleta de informações em um jogo pode ser denominada: observação de jogo, análise de jogo, estatística de jogo ou análise notacional (MATIAS e GRECO, 2009).

Segundo Garganta (2001), a partir da década de 30, aumentou-se consideravelmente o volume de estudos de âmbito científico através da análise e observação de jogo. Na tabulação de literatura acerca dos

estudos feitos com análise de jogos em diversos esportes, foi encontrado apenas um estudo abordando a modalidade de futsal, em 1996, conduzida por Javier Sampedro na Espanha. Na tabulação de estudos feita pelo autor é perceptível a escassez de trabalhos que abordam a análise de jogo na modalidade de futsal, além de seu tardio início.

*A detecção de padrões de jogo das equipes a partir de ações de jogo mais críticas torna-se importante uma vez que se torna possível descobrir fatores que induzem desequilíbrio no balanço ataque/defesa (GARGANTA, 2001). O autor afirma que os instrumentos de observação têm buscado ser desenvolvidos de forma que estes sejam capazes de reunir informações relevantes sobre as partidas. Conclui-se, então, que para analisar os comportamentos nos jogos coletivos, torna-se necessário desenvolver métodos de recolha e de análise específicos.

Como exemplo da especificidade de construção de um instrumento de análise de jogo, Prudente, Garganta e Anguera (2004) desenvolveram um trabalho sobre a etapa preliminar de construção e validação de um sistema de observação para o handebol. Observou-se 6 jogos de handebol referentes aos campeonatos da Europa 2002 e do mundo 2003. No lote de variáveis analisado constava: localização espacial da ação; relações goleiro/atacante com bola, defensor/atacante com bola e defensor/organização defensiva; recuperação da bola; desenvolvimento da sequência ofensiva; e finalização. Segundo os autores, a diversidade de situações observadas em um jogo cria a necessidade de concepção de instrumentos padronizados a fim de categorizar as ações desenvolvidas pela equipe.

3.3 Finalização: Última ação

A finalização é uma variável a se destacar no futsal e em outros esportes coletivos pelo fato de ser a última ação realizada a fim de buscar o gol. Normalmente analisa-se a forma como o atacante finalizou a jogada, mas esquece-se de se analisar as condições nas quais o atacante está para finalizar e o que o levou a essa possibilidade.

Algumas jogadas podem não terminar em finalização, pois a fase ofensiva de uma equipe não foi suficientemente eficaz para desestabilizar a defesa a fim de colocar o atacante em condições favoráveis de tentativa de chute a gol. Assim, percebe-se que nem toda fase ofensiva apresenta finalização. Dessa forma, é possível analisar mais criteriosamente o resultado de uma partida ao se analisar a quantidade e qualidade das finalizações executadas.

Duarte (2008) afirma que, como no futsal nem toda a posse de bola no ataque culmina em finalização, se torna importante estabelecer a eficácia coletiva do time, considerando a relação entre o número de ataques e o número de gols. Em seu trabalho, o autor estabeleceu o coeficiente de eficiência da finalização (CEF), que considera a relação entre os chutes ao gol e a posse de bola com finalização; e o coeficiente de produção ofensiva (CPO), que mensura a relação entre a posse de bola com finalização e a posse de bola. Dessa forma, Duarte (2008) concluiu por meio de seu estudo de caso que:

- Por mais que uma equipe teve um tempo maior de posse de bola do que a outra, a outra equipe apresentou maior número de finalizações do que a outra, o que sugere que o tempo de duração da posse de bola pode não ser um indicador preciso da eficiência de finalização de uma equipe;
- Se duas equipes apresentam o mesmo número de ações ofensivas, a equipe que apresentar um maior número de ações ofensivas acompanhadas de finalização apresenta maiores chances de vencer o jogo;
- Se duas equipes apresentam o mesmo número de finalizações na partida, o número de finalizações a gol mostra muito sobre a eficácia de uma equipe.

Dessa forma, é perceptível que uma observação mais criteriosa do jogo conduz a uma análise mais precisa da equipe. Isso se deve ao fato de que o tempo de posse de bola analisado isoladamente não diz muito a respeito da eficácia do ataque da equipe se não for acompanhado das tentativas de finalização dos indivíduos e que, mesmo assim, é importante analisar a eficiência das finalizações. Assim, por meio de uma correta análise e leitura do jogo, é possível destacar se a equipe se encontra atrás no marcador por

não finalizar em suas posses de bola ou por finalizar de maneira inadequada, por exemplo. Dessa forma, é possível que a comissão técnica faça os ajustes necessários para que a equipe tenha um melhor desempenho futuramente.

3.4 O que deve ser observado no jogo, para que, por que

Um instrumento sempre deve medir aquilo que precisa ser medido. Por mais que a frase seja redundante, é importante que o pesquisador pense sobre essa afirmativa antes de construir um instrumento de medida ou escolher as variáveis a serem analisadas. No caso do presente estudo, pretendeu-se analisar a variável finalização. Para isso, foi necessário observar o que é preciso para finalizar bem. É importante analisar os componentes técnicos como passe, chute, condução, mas primordialmente é preciso observar os componentes táticos presentes no desenvolvimento da fase ofensiva, como: setor da quadra do qual houve a finalização, se a equipe jogou no contra-ataque, jogo organizado, se a finalização ocorreu com a cobrança de falta, lateral ou escanteio (bola parada) ou se a finalização se iniciou após a roubada de bola. A presença de variáveis táticas no instrumento mostra com maior clareza o processo de como a finalização foi realizada e não somente o que ocorreu do ponto de vista técnico para finalizar.

Assim, de acordo com Garganta (2006), com a mesma ou maior importância que centrar a atenção nas ações do jogo, é preciso analisar as interações entre os indivíduos das equipes, porque é nas articulações do sistema (equipe) que sua identidade é configurada e através dessas articulações é que se criam condições para manter ou alterar essa identidade em função das circunstâncias. Por isso é necessário que o pesquisador se atente para o envolvimento da equipe no processo ofensivo. Quanto ao objeto de análise, é necessário que o observador do jogo tenha conhecimento da modalidade, pois as ações observadas devem ser categorizadas em grupos de ações. De acordo com Garganta (2005), de

fato, não é possível prever e padronizar as sequências de ações, portanto pode-se dizer que não há duas situações absolutamente idênticas. Por outro lado, as situações devem ser categorizadas, convertidas em tipos de situações. Dessa forma é possível organizar o trabalho feito pelos técnicos, pesquisadores e até pela imprensa.

O pesquisador deve ter em mente qual a contribuição prática de sua análise, para que medir tais variáveis. Como explicado anteriormente, a busca por resultados positivos ao final de uma partida é a meta tanto de treinadores quanto dos próprios atletas. Assim, a análise das finalizações ocorridas no campeonato metropolitano de 2011 buscou identificar os fatores envolvidos na realização das finalizações. Por meio dessa análise será possível identificar padrões de finalização da categoria sub-13, observar eventuais falhas de finalização e disponibilizar os resultados para os profissionais a fim de que essas falhas sejam identificadas e sanadas nos processos de ensino-aprendizagem-treinamento.

Outro fator a ser observado para que a análise de jogo se estabeleça é a pergunta do porquê se pesquisar. Do ponto de vista da comunidade acadêmica é necessário se analisar para que dados sejam coletados, comparados e aplicados na prática. A comissão técnica pode buscar analisar a variável finalização de sua equipe a fim de descobrir o porquê de seu baixo desempenho em uma competição, por exemplo, pois eficiência e eficácia na finalização levam ao objetivo do jogo que é marcar gols e possivelmente ganhar o jogo. Por meio dessa análise, o treinador pode inferir se a equipe não consegue a vitória nos jogos por estar mal organizada taticamente, ou por se organizar bem, mas chutar mal ao gol; ou até mesmo ter uma boa finalização, o que pode levar o treinador a pensar na eficácia defensiva da equipe (neste caso normalmente o placar será expressivo, pois as duas equipes marcarão muitos gols).

4 MÉTODOS

4.1 Caracterização da amostra

A amostra do presente estudo se baseou nas ações referentes a dez jogos de futsal masculino, categoria sub-13, do campeonato metropolitano escolar de 2011. Foram observadas 1.783 sequências ofensivas nas quais foram avaliadas 905 finalizações. Em cada finalização foram observadas situação, setor e resultado da ação, totalizando 2.715 registros avaliados.

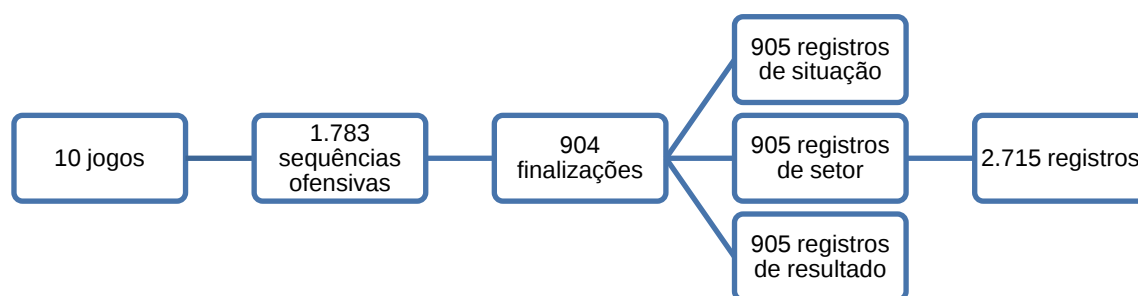


FIGURA 14: A amostra

4.2 Procedimentos da coleta de dados

Os jogos foram registrados utilizando-se dois modelos de câmeras filmadoras: Sony HDR-XR150 e JVC GZ-HD520, ambas com sistema de armazenamento de 120 gigabytes em HD. Os jogos foram filmados com a câmera posicionada na lateral da quadra fixada a um tripé e manuseada de forma a registrar as sequências ofensivas de cada equipe. As imagens foram digitalizadas para o computador. A criação do banco de dados foi realizada utilizando-se o software DartFish Team Pro.

4.3 Instrumento

O instrumento utilizado para a codificação das ações de finalização foi baseada nos critérios de Silva *et al.* (2002). O instrumento de observação visa avaliar as ações de finalização das equipes em situação real de jogo. Os critérios de Silva *et al.* (2002) abordam três indicadores de jogo, os quais são: situação, setor e resultado da finalização. Dentro do indicador “situação” há seis parâmetros: jogo organizado, contra-ataque, lateral, escanteio, falta e bola roubada. O indicador de jogo “setor” aborda dez parâmetros: a quadra ofensiva é dividida em nove setores imaginários e o décimo setor abrange a meia quadra ofensiva. Por fim, o terceiro indicador de jogo “resultado da finalização” tem como parâmetros: gol, trave, defendida pelo goleiro, rebatida pelo goleiro, interceptada pela defesa e fora.

4.4 Fidedignidade das observações

Foi utilizado o método teste re-teste em dias diferentes (estabilidade) com intervalo de tempo entre uma observação e a outra de 07 dias. O índice Kappa confirmou a concordância intra-avaliador para situação (Kappa = 0,858; erro = 0,029; T = 23,77; sig. = 0,000), setor de finalização (Kappa = 0,827; erro = 0,029; T = 32,87; sig. = 0,000) e resultado (Kappa = 0,929; erro = 0,022; T = 23,82; sig. = 0,000). Para inter-avaliadores o cálculo do Kappa teve os seguintes resultados: situação (Kappa = 0,926; erro = 0,021; T = 27,47; sig. = 0,000), setor de finalização (Kappa = 0,920; erro = 0,021; T = 34,28; sig. = 0,000) e resultado (Kappa = 0,935; erro = 0,020; T = 25,18; sig. = 0,000). Foi considerada 20% da amostra total das ações analisadas configurando 181 ações (TABACHNICK; FIDELL, 1989). Os resultados mostram que há fidedignidade intra e inter-avaliador.

4.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva utilizando a frequência absoluta, frequência relativa e a moda. Foi utilizada também a estatística inferencial, por meio do teste de Kruskal Wallis, para averiguar se houve diferenças nos indicadores de jogo de equipes vencedoras e perdedoras. Em tal análise foi utilizado o software SPSS versão 19.0.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do estudo serão apresentados e discutidos a seguir de acordo com os objetivos propostos. A análise dos dados dividiu-se em três momentos sendo que inicialmente buscou-se verificar as características gerais da categoria sub-13 de futsal masculino escolar, em um segundo momento o objetivo foi avaliar as possíveis diferenças quantitativas entre equipes vencedoras e perdedoras e, por fim, verificar as situações e setores mais freqüentes somente nas finalizações que resultaram em gol, juntamente com a efetividade de finalização (gols marcados x 100 dividido pelo número de finalizações) para cada uma das 6 diferentes situações e para 9 setores da quadra (nenhum gol foi marcado na meia quadra defensiva – setor 10).

5.1 Análise geral das finalizações

A partir dos 10 jogos de futsal masculino da categoria sub-13 escolar, observou-se uma incidência de 904 finalizações, com uma média de 90,4 ações por jogo. Em relação às situações ofensivas utilizadas para finalizar na meta adversária, observou-se que a utilização de jogadas por meio de cobranças de lateral (258 incidências) foi a mais freqüente na amostra avaliada, seguida de jogo organizado (208), bola roubada (203), tiro de canto (113), falta (72) e contra-ataque (50). Moreira (2004), em seu estudo de análise de jogo da fase final do campeonato mineiro de futsal de 2003 nas categorias pré-mirim (9 e 10 anos) e mirim (11 e 12 anos), mostrou resultados semelhantes quanto à situação de Bola Parada (considerada neste estudo como a junção das situações Tiro Lateral, Tiro de Canto e Falta), com 47,6% de finalizações válidas para esta situação (somando-se as três situações analisadas neste estudo, obteve-se um resultado de 49% das finalizações válidas). O autor também encontrou como segunda situação mais freqüente o Jogo Organizado. Sabe-se que as categorias da amostra utilizada por Moreira (2004) não correspondem à do presente estudo, mas várias semelhanças podem ser encontradas pelo fato de que

em ambos os trabalhos, a amostra constitui-se por equipes de base do futsal e o número de jogos analisados é semelhante.

Pode-se observar através da figura a seguir, a porcentagem correspondente a cada freqüência absoluta das situações ofensivas utilizadas para finalizar na meta adversária.

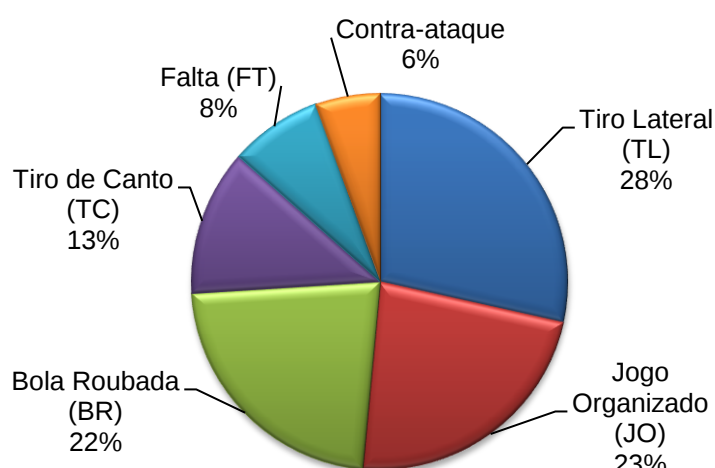


FIGURA 15: Situações ofensivas

A tabela 3 indica o número de finalizações por partida, a média e o desvio padrão dessas ações por jogo.

TABELA 3: Finalizações por jogo

Jogo	Finalizações	%
1	94	11,6
2	96	9,7
3	56	9,8
4	80	14,0
5	92	15,7
6	82	14,8
7	108	5,1
8	127	5,4
9	89	5,1
10	80	8,6
média	90,4	
desvio padrão	18,76	

Destaca-se que alguns jogos apresentaram frequências de finalização à meta adversária bem superior a outros jogos observados. É possível justificar a diferença de frequência de finalizações pelo fato de o campeonato organizado pela Federação de Esportes Estudantis de Minas Gerais (FEEMG) ter ocorrido em quadras de vários colégios participantes da competição. Dessa forma, alguns colégios apresentavam quadras no tamanho máximo oficial e outros colégios apresentavam quadras com dimensões até menores do que as recomendadas. Assim, percebeu-se por meio da observação de jogo que em quadras pequenas o número de finalizações aumentava e em quadras maiores se tornava mais difícil finalizar na meta adversária, uma vez que se torna necessário progredir no espaço da quadra a fim de se aproximar do gol para realizar o chute com maiores possibilidades de êxito. Além disso, o passe deve ser bem executado, pois a distância entre os jogadores aumenta em quadras maiores. Por outro lado há mais espaços livres para serem ocupados por jogadores que procuram linha de passe para receberem a bola ou espaços livres para executarem os dribles e as fintas. A literatura aponta que o desenvolvimento motor, físico, técnico e tático (cognitivo) só é adquirido por meio da experiência esportiva, portanto os fatores físicos, técnicos e táticos podem ser comprometidos pela fase de desenvolvimento e reduzida experiência que jogadores das primeiras categorias de base apresentam. De acordo com Greco e Benda (2007), esse momento do desenvolvimento é denominado “fase de orientação” e deve-se buscar o aperfeiçoamento das capacidades físicas e técnicas.

Através da figura 16 é possível observar a porcentagem de finalizações por cada setor demarcado e as áreas com as maiores frequências de finalização.

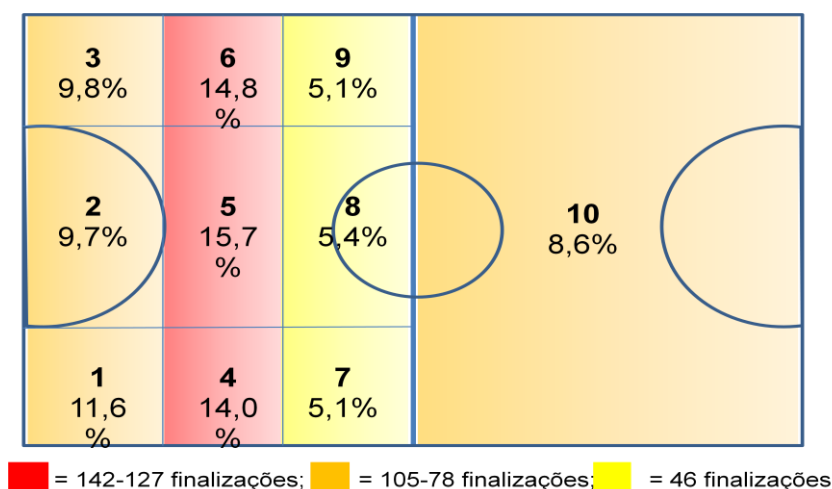


FIGURA 16: Setores e finalizações

Percebe-se que o setor mais utilizado foi o setor 5 (142 finalizações), resultado também apontado por Moreira (2004); seguido do setor 6 (134 finalizações), 4 (127 finalizações), 1 (105 finalizações), 3 (89 finalizações), 2 (88 finalizações), 10 (78 finalizações), 8 (49 finalizações), 7 e 9 (46 finalizações).

Alternativamente, se o setor 2 está no corredor central (setores 2, 5 e 8) e se encontra mais próximo do gol, portanto é o mais buscado para as finalizações, entretanto, para que isso ocorra, a equipe que ataca deve superar as duas (no caso da marcação 2-2) ou três (no caso da marcação losango) linhas de marcadores posicionadas na meia quadra; além de o goleiro também atuar como um jogador que pode impedir a finalização do setor 2.

A zona intermediária (setores 4, 5 e 6) apresentou altos índices de finalizações realizadas da mesma. Através da análise dos dados conclui-se que a alta frequência de chutes executados nos três setores evidencia que as equipes na fase ofensiva tiveram dificuldades de penetrar na zona proximal ao gol (setores 1, 2 e 3) para finalizarem.

Em relação aos resultados das finalizações da amostra avaliada, percebe-se como mais frequente a bola rebatida na defesa (323 registros), seguida da finalização para fora (241 registros), rebote do goleiro (120 registros), gol (106 registros), defesa do goleiro (99 registros) e trave (15 registros),

totalizando 904 finalizações efetivas. A figura abaixo ilustra de forma percentual o resultado dessas finalizações:

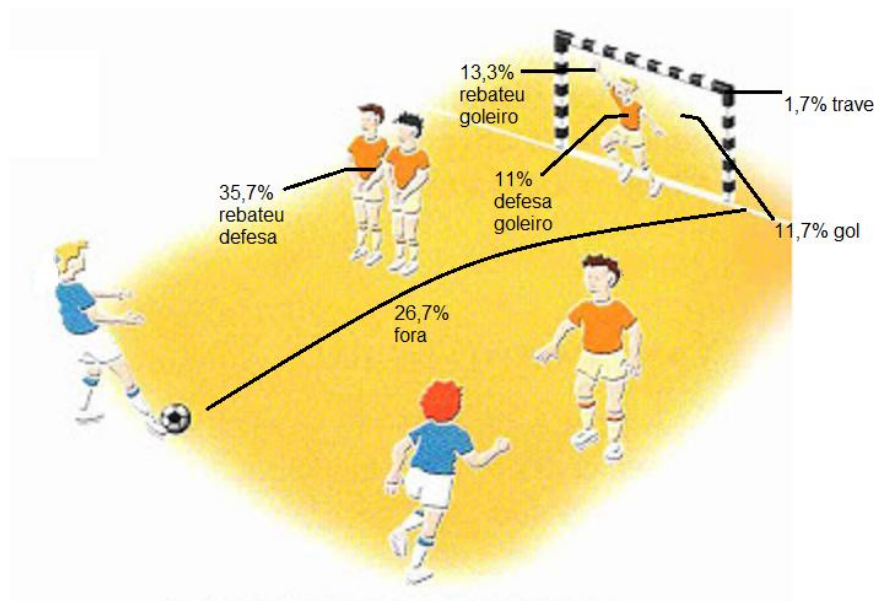


FIGURA 17: Resultados da finalização

As análises do estudo de Moreira (2004) apontam como resultado mais freqüente a bola para fora, seguida de interceptação da defesa (o que não corrobora com o presente estudo). Entretanto, segue-se, em ordem de freqüência de ocorrências, rebote do goleiro, gol, defesa do goleiro e trave, que corroboram com os achados do presente estudo. Irokawa (2009) conduziu um estudo de observação das finalizações de 4 jogos da fase final da copa do mundo de futsal adulto. O estudo também apontou como resultado mais freqüente, a interceptação da defesa (com 32,80% do total de resultados observados).

Durante a observação dos jogos, percebeu-se que os atletas realizavam, na maioria das vezes, táticas de grupo e coletivas (ou seja, jogadas, manobras) nos tiros laterais, tiros de canto e cobrança de faltas de forma mecanizada; ou seja, organizavam uma jogada na qual já se sabia o momento e o jogador que chutaria ao gol nas situações apontadas acima. As táticas ofensivas de grupo e coletivas têm o objetivo de desequilibrar a defesa e há resultados positivos no uso de tais manobras. Entretanto, quando tais jogadas se tornam mecânicas e não automáticas, os atletas param de perceber o ambiente de jogo (posicionamento dos colegas de

equipe e adversários), tomando decisões precipitadas e quase sempre ineficazes. De acordo com Greco e Benda (2007), as capacidades táticas são um “conjunto de processos psíquicos, cognitivos e motores que conduz a tomadas de decisão adequadas (...), permitindo um comportamento adaptado às situações do jogo ou atividade.” (p. 59). Dessa forma, a tática, tanto individual, como de grupo ou coletiva, deve permitir a resolução de problemas em situações distintas do jogo, tomando decisões corretas, no momento certo e com o uso de técnicas adequadas à situação. Isso diminuiria a frequência de bolas rebatidas na defesa, finalizações para fora e até defesas do goleiro e aumentaria o número de gols.

5.2 Finalizações que resultaram em gol

Apesar de 904 finalizações ao gol, as equipes marcaram 105 gols, totalizando uma média de 10,5 gols por partida.

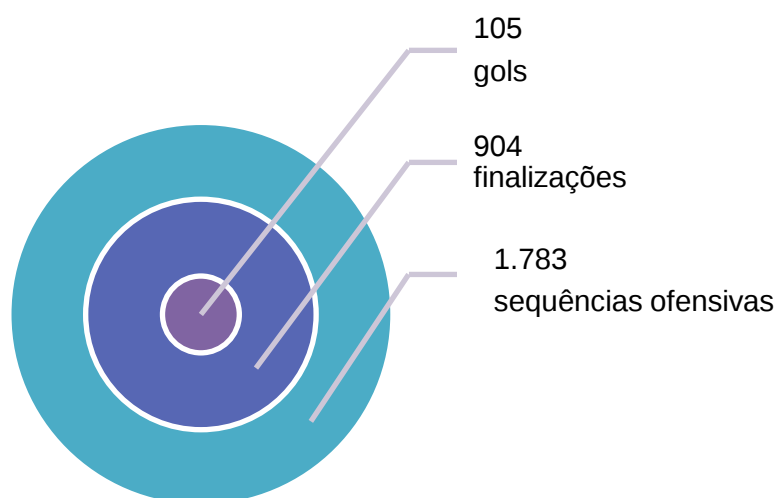


FIGURA 18: Progressão até o resultado favorável

A tabela 4 mostra a frequência das situações ofensivas que resultaram em gols.

TABELA 4: Efetividade das situações

Situações	Efetividade (%)
Jogo Organizado	11,61
Contra-ataque	34
Tiro Lateral	7,36
Tiro de Canto	7,08
Falta	11,11
Bola Roubada	15,27
Total	100,00

Os dados contidos na tabela indicam que as situações de contra-ataque foram as que levaram mais perigo à meta adversária, seguidas das situações de bola roubada, jogo organizado, falta, tiro lateral e tiro de canto. O gráfico abaixo apresenta as situações de finalização mais frequentes e as situações de finalização que mais resultaram em gol:

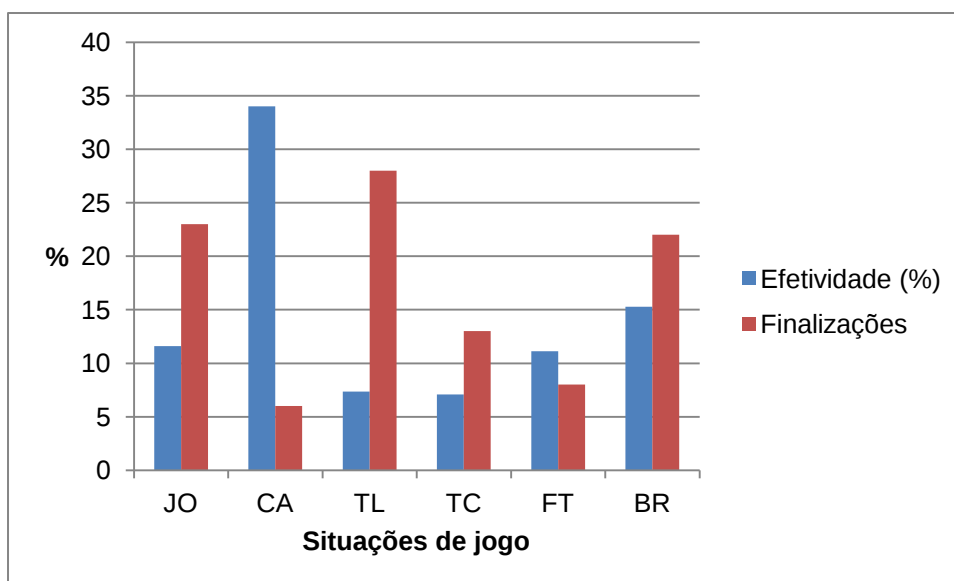


GRÁFICO 1: Finalizações x Finalizações efetivas

Percebe-se que a situação que mais se destaca em efetividade de finalização é o contra-ataque. Observa-se, porém que essa situação foi a que apresentou as menores freqüências de finalização na amostra analisada. Dessa forma sugere-se treinos utilizando-se estruturas funcionais com superioridade numérica dos jogadores de ataque, a fim de simular situações de contra-ataque, para que a freqüência dessa situação ofensiva aumente, aumentando também a eficácia do ataque (gol), uma vez que em situações de contra-ataque, é comum que a equipe adversária esteja defensivamente desequilibrada, criando-se espaços para a progressão/organização ofensiva. Do ponto de vista defensivo, sugere-se a formulação de exercícios que simulem ações de contra-ataque, nos quais a defesa encontra-se em desequilíbrio, o que fará com que os jogadores exercitem táticas defensivas de cobertura, dobra e outras marcações em situações de inferioridade numérica.

Destaca-se que as situações de tiro lateral foram as que mais ocorreram em busca do gol, entretanto, foi uma das situações que menos teve resultados positivos. Deve-se, portanto, alertar os treinadores para uma possível mudança nas manobras ofensivas realizadas nos tiros laterais. A tática de grupo na qual o jogador que cobra o lateral rola a bola com a sola dos pés, o suficiente para que a bola apenas saia da linha de cobrança, enquanto o batedor corre em direção à bola e finaliza a gol, foi

frequentemente observada durante os jogos analisados. Dessa forma, se as equipes utilizam muito essa tática ofensiva, obviamente os marcadores serão capazes de anular a jogada. Assim, torna-se necessário a criação de uma tática de grupo que surpreenda a equipe adversária, desequilibrando a defesa e, conseqüentemente, tornando a finalização mais eficaz.

Por meio dos dados visualizados na tabela, ressalta-se que a quantidade de finalizações em uma dada situação não tem como consequência, no caso da amostra avaliada, a eficácia dessas finalizações. Por exemplo, a elevada freqüência de cobranças de lateral, não necessariamente é um indicativo de um elevado número de gols por meio dessa situação, pelo contrário, foi uma das situações com menor efetividade. Entretanto, observa-se uma baixa freqüência de finalizações por meio do contra-ataque, em contrapartida, observa-se uma alta efetividade dessa situação na porcentagem total de gols marcados.

A tabela 5 mostra a freqüência de finalizações que resultaram em gol em cada setor da quadra:

TABELA 5: Setores e efetividade

Setores com incidência de gol		
	Quantidade absoluta	Efetividade (%)
1	11	10,48
2	41	46,59
3	10	11,23
4	10	7,87
5	17	11,97
6	11	8,21
7	1	2,17
8	2	4,08
9	2	4,35
10	0	0
Total	105	100

Sabendo-se que o setor 2 é o mais próximo do gol e o mais central, compreende-se que a busca por finalizações nesse setor seria freqüente,

como pode ser visto na tabela acima. Da mesma forma, esperava-se também que as finalizações do setor 2 seriam as que mais resultariam em gol (o que corrobora com o estudo de Moreira, 2004), pois a distância que a bola deve percorrer para cruzar a linha de meta é menor, o jogador encontra-se em uma posição favorável, pois o ângulo de chute é maior do que se ele se encontrasse no setor 1 ou 3, por exemplo.

A figura abaixo apresenta a freqüência de finalizações a gol comparadas a quantidade de finalizações que resultaram em gol em cada setor da quadra:

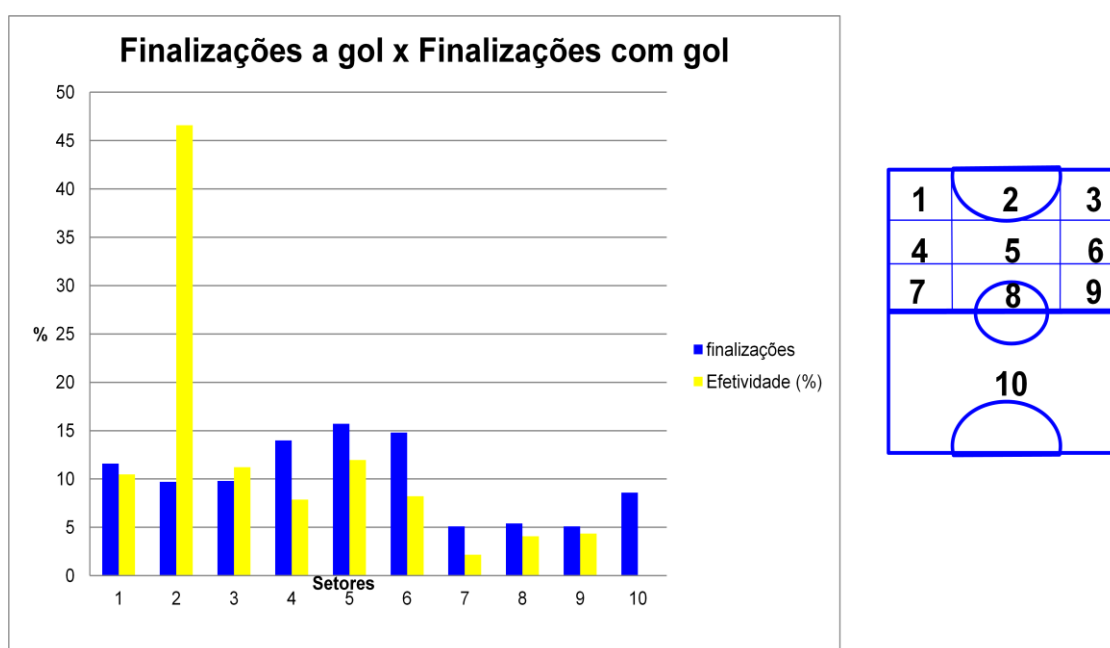


GRÁFICO 2: Finalizações a gol x Finalizações com gol

Entretanto, observa-se através do gráfico que o setor 2 foi o quarto setor mais freqüente nas finalizações a gol. Assim, para oportunizar maiores freqüências de finalização do setor 2 sugere-se treinar jogadas que utilizem um jogador na segunda trave para as finalizações, ludibriando assim o goleiro e aumentando as chances de marcar gols. Defensivamente, é importante ressaltar que a marcação sempre deve ser feita de forma a induzir os atacantes para as bordas da quadra, a fim de diminuir o ângulo de chute a gol, facilitando assim a defesa do goleiro (SILVA *et al.*, 2002). Apesar da freqüência de quase 10% do total de finalizações apurados a partir do setor 10, nenhuma dessas finalizações resultou em gol. Conclui-se

que para aumentar a efetividade das finalizações, seja necessário que a equipe, ao menos, se encontre em condições de finalizar da meia quadra ofensiva.

Dessa forma, ressaltando-se a semelhança da frequência de finalizações da meia quadra defensiva (setor 10), entretanto, com efetividade nula, e da área penal (setor 2), com alta efetividade das finalizações; conclui-se que quanto menor a distância do jogador à baliza, maiores as chances de concluir a fase ofensiva com gols. Dessa forma, enfatiza-se a utilização de táticas ofensivas individuais, de grupo e coletivas que propiciem finalizações de setores próximos do gol.

5.3 Equipes vencedoras x perdedoras

Através de testes estatísticos foi possível avaliar se havia ou não diferenças significativas entre os parâmetros dos indicadores de jogo situação, setor e resultado entre equipes vencedoras e perdedoras. O teste de Kruskal Wallis não encontrou diferenças significativas ($p \leq 0,05$) entre equipes vencedoras e perdedoras. O teste da mediana também não identificou diferenças significativas entre equipes vencedoras e perdedoras para situação, setor e resultado da finalização. A partir da análise da amostra conclui-se que a finalização não influencia se a equipe é vencedora ou perdedora.

TABELA 6: resultados Kruskal Wallis

Resultado do teste Kruskal Wallis	
Situação	0,172
Setor	0,098
Resultado	0,307

Através do resultado da análise estatística, percebe-se que tanto as equipes vencedoras como as perdedoras assemelharam-se na quantidade

de ações ofensivas, de situações, de utilização dos setores da quadra e de resultados da finalização.

6 CONCLUSÃO

A partir dos resultados abordados e a respectiva limitação metodológica conclui-se que a situação mais frequente de finalização foi o tiro lateral, o setor mais empregado nas finalizações foi a zona central da meia quadra ofensiva (setor 5) e o resultado de maior ocorrência foi a obstrução da ação de finalização pelos jogadores de linha em situação defensiva (rebateu na defesa). Entretanto, as situações de contra-ataque e as finalizações realizadas dentro da área penal (setor 2) foram as variáveis mais eficazes. Na contraposição das situações de defesa e ataque, a defesa se sobrepõe. Entretanto, na contraposição entre defesa e contra-ataque, o ataque se sobrepõe. O estudo indica a necessidade de treinamento em espaço reduzido em tal faixa etária e nível competitivo. Em relação à comparação entre as equipes perdedoras e vencedoras, não foi possível encontrar diferenças significativas em nenhum dos três indicadores de jogo. Sugere-se estudos com amostras maiores, diferentes tipos de competitividade e gêneros. Além disso, o desenvolvimento de um estudo com análise sequencial das ações, de forma a observar a influência das variáveis dos três indicadores de jogo na finalização de forma conjunta, aproximando as observações da realidade do jogo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R.; GARGANTA, J. A modelação do jogo em Futsal: Análise seqüencial do 1x1 no processo ofensivo. **Revista Portuguesa Ciências do Desporto**. v. 3, n. 5, p. 298-310. 2005.
- ANGUERA, M. T.; VILLASEÑOR, A. B.; LÓPEZ, J. L. L.; MENDO, A. H. La metodologia observacional em El deporte: conceptos básicos. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 5, n. 24, agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm>>. Acesso em: 30 junho 2011.
- ANDRADE JÚNIOR, J. R. **O jogo de futsal técnico e tático na teoria e na prática**. Curitiba: Editora Gráfica Expoente, 1999.
- DUARTE, Ricardo. Análise da utilização da posse de bola durante o processo ofensivo no futsal: contributo para a determinação da eficiência colectiva. **Revista de Desporto e Saúde da Fundação Técnica e Científica do Desporto**. v. 4, n. 2, p. 77-82. 2008.
- FEDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **Futsal Sports. Awards**. Disponível em <<http://fifa.com>> Acesso em: Janeiro 2013.
- FERNÁNDEZ, J. J.; GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; GRECO, F. L. Meios Táticos de Grupo no Ataque. In: GRECO, P. J.; ROMERO, J. J. (Org.) **Manual de Handebol: da Iniciação ao Alto Nível**. São Paulo: Editora Phorte, 2012. cap. 12, pp. 161-177.
- FICHA DO JOGO. Copa do Mundo de Futsal – Campeões. Disponível em <<http://fichadojogo.wordpress.com>>. Acesso em: janeiro 2013.
- FUTSAL DO BRASIL. Galeria de conquistas. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/selecao/titulos.php>>. Acesso em: 10 dezembro 2012.
- GARGANTA, J. A Análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001.
- GARGANTA, J. Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. In: ARAÚJO, D. (Ed.). **O contexto da decisão: a acção tática no desporto**. Lisboa: Visão e Contextos, 2005. p.179-90.
- GARGANTA, J. (Re)Fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, p.201-03, set. 2006. Suplemento n.5.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

IROKAWA, G. N. **Caracterização das finalizações do jogo de futsal: um estudo sobre a copa do mundo de futsal fifa 2008**. 65f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola: um abc para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2005.

LEAL, U. Nesse caso, a FIFA está certa: o Brasil não é hepta de futsal. Ficha do Jogo (website). Disponível em: <<http://www.trivela.uol.com.br>>. Acesso em: janeiro 2013.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO P. J. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. **Pensar a prática**. v. 12, n. 3, p. 1-16, 2009.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Cognição e Ação nos Jogos Esportivos Coletivos. **Ciências e Cognição**. v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010.

MOREIRA, J. P. A. **Análise das situações ofensivas no Campeonato Mineiro de Futsal das categorias Pré-mirim e Mirim**. 2004. 49 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MORENO, J. H. **Fundamentos Del deporte: Análisis de las estructuras Del juego deportivo**. Barcelona: Ed. Inde Publicaciones, 1994.

MUTTI, D. **Futsal: da Iniciação ao Alto Nível**. São Paulo: Editora Phorte, 2003.

PRUDENTE, João; GARGANTA, J.; ANGUERA, M. T. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4, n. 3, p. 49-65. 2004.

SAAD, M. **Futsal: iniciação, técnica e tática: sugestões para organizar a sua equipe**. Santa Maria: MaS editora, 1997.

SOUZA, P. R. C. **Validação de Teste para Avaliar a Capacidade de Tomada de Decisão e o conhecimento Declarativo em Situações de Ataque no Futsal**. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2002.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics**. New York: Haper& Row, 1989.

TENROLLER, C. A. **Futsal: Ensino e Prática**. Canoas: Editora Ulbra, 2004.
SILVA, M. V. ; MOREIRA, J. P. A. ; COSTA, F. F. ; GRECO, P. J. Comparison Between the Offensive actions of the Final Stage of the Mineiro Championship of Indoor Soccer in the Pre Mirim and Mirim categories. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 75, ed. esp, p. 284-288, 2005.

VAN DER MARS, H. Observer reliability: Issues and procedures. In: DARST, P. W.; ZAKROSJEK, D. B.; MANCINI, V. H. (org.). **Analysing physical education and sports instruction**. Champaign: Human Kinetics, 1989. p. 53-80.

VOSER, R. C. **Iniciação ao futsal: abordagem recreativa**. Canoas: Ulbra, 2004.

SILVA, M. V.; MOREIRA, J. P. A.; COSTA, F. F.; GRECO, P. J. Comparison Between the Offensive actions of the Final Stage of the Mineiro Championship of Indoor Soccer in the Pre Mirim and Mirim categories. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 75, ed. esp., p. 284-288, 2005.